

OCIDENTE

REVISTA PORTUGUESA
MENSAL

Fundada em 1938

N.º 151

VOLUME XXXIX

NOVEMBRO, 1950



DIRECTOR, PROPRIETÁRIO E EDITOR — ÁLVARO PINTO
COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO — TIP. DA EDITORIAL IMPÉRIO, L.^{DA} — LISBOA



A beleza da reprodução litográfica

depende, em grande parte, da intensidade das variantes conseguidas dentro de cada cor. Essas gravações são obtidas com o emprego de "redes" mais ou menos fechadas aplicadas pelos litógrafos cromistas com longa prática e grande somatório de conhecimentos como os de

BERTRAND (IRMÃOS), L.^{DA}

T. DA CONDESSA DO RIO, 7 - TELEF. P. B. X. 21227-21368-32574 - LISBOA

A

COVINA

PRODUZ QUASE O DOBRO

DA CHAPA MECÂNICA

DE VIDRO

QUE É CONSUMIDA

NA METRÓPOLE

E NAS COLÓNIAS

VIAJE PELA PANAIR



RECIFE • RIO DE JANEIRO
MONTEVIDEO • BUENOS AIRES
PARIS • LONDRES
ROMA • ZURICH
FRANCFORT • ISTANBUL

GASTA MENOS

GANHA TEMPO



Para viajar prefira os serviços da PANAIR e os luxuosos "CONSTELLATIONS" da "Frota Bandeirante". Assim, as suas viagens serão mais rápidas e confortáveis.

Para informações e reserva de lugares dirija-se ao seu Agente de Viagens ou à Sociedade Portuguesa de Agências Aéreas, Lda., SIPAA — Praça dos Restauradores, 46 — Telef. 31928/9 - Telegramas PANAIRES.



DIRECTOR, PROPRIETÁRIO E EDITOR: ALVARO PINTO
GERENTE: MARIA AMÉLIA M. DE AZEVEDO PINTO

OCIDENTE

REVISTA PORTUGUESA MENSAL
FUNDADA EM 1938
SAI NO DIA 1 DE CADA MÊS

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: R. DE S. FELIX, 41-1.º DT.º—OFLICINAS: EDITORIAL IMPÉRIO, LDA, R. DO SALITRE, 155, 1.º—LISBOA

SUMÁRIO DO N.º 151 / VOLUME XXXIX / NOVEMBRO DE 1950

«Em Prol da Cultura» — XI — Pág. 213/220.
AMÉRICO DURÃO — «Soneto» — Do livro a publicar 'Ecce-Homo' — Pág. 221.

«Portugal comemora o 1.º Centenário do nascimento de Silva Porto» — Pág. 222.

RODRIGUES CAVALHEIRO — «Sob a Invocação de Clio — Memórias e Memorialistas — Anotação às 'Cartas' de Eça» — Pág. 223/227.

DIOGO DE MACEDO — «Notas de Arte — Apenas um queixume — Uma história a fazer-se» — Pág. 228/231.

AUGUSTO MORENO — «Consultório linguístico» — Pág. 232/235.

BIBLIOGRAFIA

JOÃO DE CASTRO OSÓRIO — Livros Portugueses — XVI — ('Canto Agreste', de Maria do Carvalho; 'Cabo da Boa Esperança', de Sebastião da Gama; 'Mahambá', de A. Neves e Sousa) — Pág. 236/241.

Livros recebidos — Pág. 241/243.

ALVARO PINTO — «Notas e comentários» — Pág. 244/252.

ILUSTRAÇÕES

João do Rio (Paulo Barreto — 1887/1921) — Pág. 248/A.

Busto de João do Rio — por ALVARO DE BRÉE — Pág. 248/B.

Dois aspectos da inauguração do Monumento a João do Rio em 3 de Maio de 1950 — No final do 1.º Suplemento.

Dizeres do Monumento a João do Rio — Idem.

SUPLEMENTOS

«Homenagem a João do Rio» — Discursos de LUÍS TEIXEIRA e JOÃO DE BARROS e um trecho do homenageado — Pág. 1/16.

RUI GALVÃO DE CARVALHO — «Antero Vivo» — Continuação — Pág. 153/176.

VENTURA LEDESMA ABRANTES — «O Património da Sereníssima Casa de Bragança em Olivença» — Continuação — Pág. 97/112.

ASSINATURA

Portugal — 6 meses 95\$00; Ano 180\$00
Colónias portug. e Espanha ... > 190\$00
Brasil > 180 cr.
Estrangeiro, dollars U. S. > \$ 10.00

Com direito aos números especiais

NÚMERO AVULSO

Portugal 17\$50
Colónias portug. e Espanha 18\$00
Brasil 17,5 cr.
Estrangeiro, dollars U. S. A. \$ 0.90

Números atrasados (1/108) — 15\$00

REVISTA DE PORTUGAL — SÉRIE A — LÍNGUA PORTUGUESA
FUNDADA EM 1942

Publicados os n.ºs 1 a 88 — cada fascículo 17\$50 — Assinatura de 10 números — 150\$00

DIRECTOR — ALVARO PINTO

ADQUIRA A 2.ª EDIÇÃO DO N.º 1 (MAIO DE 1938) — 152 PÁGINAS — 30 ESCUDOS



Companhia Colonial de Navegação

SERVIÇO DE CARGA E PASSAGEIROS

Carreiras regulares para: Cabo Verde, Guiné, África Ocidental e Oriental, Brasil e América do Norte

Frota da Companhia em serviço e em construção

<i>Paquetes:</i>	Deslocamento Toneladas	Porte bruto Toneladas	<i>Navios de carga:</i>	Deslocamento Toneladas	Porte bruto Toneladas
«Pátria» (n. t.)	19.173	10.943	«Benguela» (n. m.)	12.303	9.347
«Império» (n. t.)	19.173	10.943	«Lugela» (n. t.)	12.250	8.340
«Mouzinho»	14.150	8.200	«Pungue»	8.750	6.356
«Serpa Pinto»	13.020	5.412	«Lobito»	5.970	4.278
«Guiné»	6.130	3.250	«Pebane»	4.105	2.797
			«Quionga»	4.105	2.770
			«Lunda»	4.105	2.778
			«Chaimite»	3.200	2.000
			«Nampula»	3.200	2.000
			«Búzi»	3.080	2.062
			«Sena»	2.458	1.700
<i>Navios de carga:</i>					
«Luanda» (n. m.)	13.790	9.820			
«Ganda» (n. m.)	13.114	9.419			
«Amboim» (n. m.)	13.114	9.419			

Rebocadores: «Monsanto», (n. m.), 850; «Oceânia», 350; Mafra, (n. m.), 310; «Mutela», (n. m.), 210; «Náuticos», 200; «Catembe», 120; «Príncipe», 100. Total 2.040 toneladas de deslocamento. Além dos rebocadores, a Companhia possui o seguinte material auxiliar: 12 lanchas-motor, 8 batelões de alto-mar, 247 batelões de tráfego local, com um deslocamento de 15.000 toneladas e com um porte útil total de carga de 10.962 toneladas.

Escritórios: LISBOA — R. de S. Julião, 63 — Tel. 30131 a 30138 — PORTO — R. Infante D. Henrique, 9 — Tel. 29342

DICIONÁRIO COROGRÁFICO

De Portugal Continental e Insular

Arqueológico, Biográfico, Etimológico, Heráldico, Hidrográfico,
Histórico e Orográfico

Por AMÉRICO COSTA

Esta obra de ilimitada utilidade, coordenada por especialistas e da qual a Livraria Civilização tomou o encargo de prosseguir na sua publicação, abrange todo o

CONTINENTE, MADEIRA E AÇORES

Distritos, cidades, concelhos, vilas, freguesias, povoações, aldeias, lugares, herdades, quintas, casais, granjas, praias, portos, faróis, rios, ribeiros, montes, serras, matas, lagoas, termas, cabos, fontes, minas, castelos, praças, fontes minerais, monumentos nacionais, igrejas, capelas, mosteiros, ruas, travessas, becos e largos das principais cidades; serviços telégrafo-postais, ferroviários, hidráulicos, eléctricos, transportes, automóveis, turismo, fastos, epopeias, varões ilustres, lendas, etc., etc.

Consta de 12 volumes, com cerca de 15.000 páginas, centenas de gravuras, mapas e brasões referentes a cada um dos concelhos do Continente, Madeira e Açores.

Custa, completo e encadernado, capa de percalina Esc. 2.800\$00;

capa de percalina com lombada de carneira Esc. 2.920\$00

O Dicionário Corográfico não será reimpresso

Completamos colecções fornecendo mapas, cadernos, fascículos ou volumes em falta

Vendas a pronto pagamento ou por pagamentos suaves

Pedidos de esclarecimentos à LIVRARIA CIVILIZAÇÃO — Rua do Almada, 107 — PORTO — PORTUGAL

Sociedade Geral de Comércio, Indústria e Transportes

LISBOA

Agentes em Lisboa: COMPANHIA UNIÃO FABRIL (Secção Marítima)
Rua do Comércio, 39 — Telefone 3 0511

FROTA

n/m «África Ocidental»	1.504 Ton.	n/m «Cartaxo»	1.376 Ton.
n/m «Alcobaça»	9.437 >	n/m «Colares»	1.376 >
n/v «Alcoutim»	10.526 >	n/m «Conceição Maria»	2.974 >
n/m «Alfredo da Silva»	5.500 >	n/m «Coruche»	1.376 >
n/m «Alexandre Silva»	2.974 >	n/v «Costeiro»	900 >
n/m «Alemquer»	9.437 >	n/v «Costeiro Segundo»	490 >
n/v «Alferraredes»	2 118 >	n/m «Costeiro Terceiro»	1.426 >
n/m «Almeirim»	9.437 >	n/m «Covilhã»	1.376 >
n/v «Amarantes»	12.595 >	n/v «Cunene»	9.800 >
n/m «Ambrizete»	9.100 >	n/v «Foca»	2.018 >
n/m «Ana Mafalda»	5.500 >	n/v «Inhambane»	9.619 >
n/m «Andulo»	9.100 >	n/v «Luso»	10.125 >
n/m «António Carlos»	2.974 >	n/v «Maria Amélia»	3.005 >
n/m «Arraiolos»	9.437 >	n/v «Mello»	6.253 >
n/m «Belas»	7.100 >	n/v «Mirandella»	7.000 >
n/m «Borba»	7.145 >	n/m «São Macário»	1.221 >
n/m «Braga»	7.110 >	n/v «Saudades»	6 430 >
n/m «Bragança»	7.110 >	n/v «Zé Manel»	1.220 >

TOTAL: 186.415 TONELADAS

Rebocadores — «Africa», «Cintra», «Estoril», «Freixo», «São Cristóvão», «Soure»

Lanchas a motor — «Garota», «Bolhão», «Obidos», «Maquela», «Carocha»

34 Batelões (19 de 500 ton., 13 de 400 ton., e 2 de 250 ton.); 24 Fragatas (2.150 ton.); 1 Barca de água (250 ton.)
e 1 Draga «Barreiro» com 5 Batelões de Dragadas com 80 m3 cada

Em construção nos estaleiros da C. U. F.: 2 Navios de 5.500 ton. para 36 passageiros e carga, cada um;

2 Rebocadores de 1.200 ton. cada um

Carreiras de Lisboa para: Norte de Europa — Norte de África — Cabo Verde — Guiné — Angola — Argentina
— Chile — Estados Unidos — Terra Nova — Groenlândia e Costa de Portugal

Importante — A Companhia que mais navios tem ao seu serviço construídos em Portugal nos estaleiros
da Companhia União Fabril no Barreiro e Lisboa

Carolina Michaëlis de Vasconcelos

NOTAS VICENTINAS

Preliminares duma Edição
Crítica das Obras de Gil Vicente

NOTAS I a V

incluindo a Introdução à
edição facsimilada do
Centro de Estudos Históricos
de Madrid

1 volume de 664 páginas, 22
facsímeis e extensos Índices 150\$00
Edição especial numerada de
1 a 100 180\$00

EDIÇÃO DE 'OCIDENTE'

ACABA DE SAIR

UMA NOVA EDIÇÃO DE

O HISSOPE

Poema herói-cómico em
8 cantos

Reprodução de um manus-
crito inédito do Século XVIII,
com prefácio e anotações do
Professor José Pereira
Tavares

1 volume de 192 páginas — 25\$00

EDIÇÃO DA 'REVISTA DE
PORTUGAL' — LISBOA

Companhia Nacional de Navegação

A mais antiga e maior empresa armadora portuguesa nas carreiras de África
Sede—R. do Comércio, 85—Lisboa • Sucursal—R. Infante D. Henrique, 73—Porto
Serviço rápido de passageiros e carga para a África e América do Norte

FROTA DA C. N. N.

Navios de passageiros em serviço	Tons. D. W.	Tons. deslocamento	Navios de carga em serviço	Tons. D. W.	Tons. deslocamento
Moçambique	9.423	18.220	Sofala	12.145	18.520
Angola	9.550	18.250	Moçamedes	9.120	12.990
Nyassa	9.130	17.442	Rovuma	9.120	12.990
Quanza	6.230	11.550	S. Tomé	9.050	12.550
Índia	7.000	11.400	Nacala	3.370	5.130
Timor	7.000	11.400	Tagus	1.630	2.320
Chinde	1.475	2.700	Angoche	1.240	1.950
Luabo	1.805	3.030	Em construção :		
Zambézia	1.857	3.538	Save		
Lúrio	1.857	3.538			

Agências em todos os portos africanos e nos principais portos do Mundo

GONZAGA E A JUSTIÇA

Confrontação de Baltazar
Gracián e Tomás António
Gonzaga

Um argumento novo sobre a autoria
das '*Cartas Chilenas*'

por

João de Castro Osório

1 volume de 80 páginas — 15\$00

EDIÇÃO DE 'OCIDENTE'

Carolina Michaëlis de Vasconcelos

LIÇÕES DE FILOLOGIA

Seguidas das

Lições Práticas de Por-
tuguês Arcaico

A venda o 2.º Milhar



1 volume de 430 páginas — 80\$00

EDIÇÃO DA 'REVISTA DE
PORTUGAL' — LISBOA



O PNEU QUE POSSUI
GRANDE PODER DE
ACÇÃO-TRACÇÃO, DE-
VIDO À CONCEPÇÃO
ESPECIAL DA SUA
SUPERFÍCIE DE RO-
DAGEM

SQUEEGEE

Introdução ao Estudo da FILOLOGIA PORTUGUESA

por

Manuel de Paiva Boléo

PROFESSOR DE FILOLOGIA PORTUGUESA NA
FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE
COIMBRA

A venda o 2.º Milhar



1 volume de 160 págs. — 20\$00

EDIÇÃO DA
'REVISTA DE PORTUGAL'

Novidades literárias

HERBERT PALHANO

*A Expressão léxico-gramati-
cal do 'Leal Conselheiro'*

2.ª edição

Com prefácio de João Leda
1 volume de 184 páginas e o retrato
de D. Duarte — 20\$00

RUI GALVÃO DE CARVALHO

Antero de Quental e a Mulher

1 vol. de 60 págs. e 4 ilustrações — 15\$00

FERNANDA DE CASTRO

SORTE

*Romance premiado no concurso
das Casas do Povo*

Capa de Inês Guerreiro

1 vol. de 232 págs. — 20\$00

Edições da Revista 'Ocidente'

MALA REAL INGLESA

(ROYAL MAIL LINES, LIMITED.)

AGENTES EM LISBOA:

JAMES RAWES & Cº LTD. e E. PINTO BASTO & C.ª, Lda.

m/v HIGHLAND BRIGADE	1 Nov.º	LAS PALMAS, RIO DE JANEIRO, SANTOS, M O N T E V I D E U E BUENOS AIRES	Passageiros de 1.ª e 3.ª classes, carga geral e de frig.	E. PINTO BASTO & C.ª, Lda. Av. 24 de Julho, 1, 1.º Telefone 31581 (7 linhas)
s/s ANDES	3 Nov.º	CHERBOURG E SOUTHAMPTON	Passageiros de 1.ª e 2.ª classes e carga geral	JAMES RAWES & Cº, LTD. Rua Bernardino Costa, 47, 1.º Telefones 23232-3-4
m/v HIGHLAND PRINCESS	12 Nov.º	VIGO E LONDRES	Passageiros de 1.ª e 3.ª classes	E. PINTO BASTO & C.ª Lda. Av. 24 de Julho, 1, 1.º Telefone 31581 (7 linhas)
s/s ANDES	16 Nov.º	LAS PALMAS, RIO DE JANEIRO, SANTOS, M O N T E V I D E U E BUENOS AIRES	Passageiros de 1.ª e 2.ª classes, carga geral e de frig.	JAMES RAWES & Cº, LTD. Rua Bernardino Costa, 47, 1.º Telefones 23232-3-4
m/v HIGHLAND CHIEFTAIN	22 Nov.º	LAS PALMAS, RIO DE JANEIRO, SANTOS, M O N T E V I D E U E BUENOS AIRES	Passageiros de 1.ª e 3.ª classes, carga geral e de frig.	E. PINTO BASTO & C.ª, Lda. Av. 24 de Julho, 1, 1.º Telefone 31581 (7 linhas)
s/s ALCANTARA	24 Nov.º	VIGO, CHERBOURG E SOUTHAMPTON	Passageiros de 1.ª, 2.ª e 3.ª classes, carga geral e de frig.	JAMES RAWES & Cº, LTD. Rua Bernardino Costa, 47, 1.º Telefones 23232-3-4

Novidade literária da maior oportunidade

SEBASTIÃO MORÃO CORREIA

QUAL SERÁ O DESTINO

DA

LÍNGUA
PORTUGUESA
NA ÍNDIA?

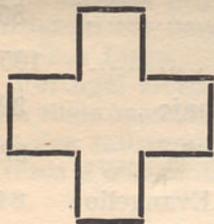
1 VOLUME DE 72 PÁGINAS — 15\$00 — EDIÇÃO DA 'REVISTA DE PORTUGAL'

C. P.

ANO SANTO

VIAGENS PARA ROMA
a preços reduzidos

O CAMINHO DE FERRO
concede redução aos portadores da
CARTA DE PEREGRINO
tanto em viagens INDIVIDUAIS
COMO EM GRUPO



SELOS

da

Cruz Vermelha Portuguesa

Aplique sempre na sua correspondência um selo da Cruz Vermelha Portuguesa, Instituição das mais nobres e beneméritas.

Os selos vendem-se na sede da Cruz Vermelha — Palácio do Conde de Óbidos
Jardim 9 de Abril — Lisboa

I. XAVIER FERNANDES

Questões de Língua Pátria

1.º volume (2.ª edição) com 232
páginas 25\$00
2.º volume com 256 páginas 25\$00

JÚLIO DE LEMOS

Pequeno Dicionário luso-brasileiro de Vozes de Animais

1 volume de 160 páginas — 20\$00

*O Elogio do Contista
Trindade Coelho*

1 vol. de 56 páginas — 15\$00

HARRI MEIER

*Ensaio de Filologia
Românica*

1 volume de 260 pág. — 30\$00
Edição especial — 50\$00

JOAQUIM DE CARVALHO

*Os Sermões de Gil Vicente
e a Arte de Pregar*

1 volume de 88 pág. — 15\$00

AFONSO ÁLVARES

Auto de Santo António

Prefácio, Notas e Glossário do
Prof. Almeida Lucas

1 volume de 80 pág. — 12\$50

EDIÇÕES DE 'OCIDENTE' E DA
'REVISTA DE PORTUGAL'

Livraria Luso-Espanhola, Lda.

Telefone 24917

RUA NOVA DO ALMADA, 88

L I S B O A

Rua do Carmo, 20-A, 1.º

Telefone 24076 — Porto

Rua da Sofia, 78-1.º

Telef. 2799—Coimbra

LIVROS DE FILOSOFIA E EDUCAÇÃO

RODOLFO LEHMANN — Introducción a la Filosofía	40\$00
JULIAN MARIAS — Introducción a la Filosofía	140\$00
ELIAS TORMO Y MONZÓ — Mis Confesiones Filosóficas	100\$00
AUGUSTO MESSER — Psicología	120\$00
ARSENIO PACIOS LOPEZ — Filosofía de la Educación	85\$00
HEINZ WERNER — Psicología Evolutiva	105\$00
HENRI DELACROIX — El Niño y el Lenguaje	32\$00
AUGUSTO MESSER — Filosofía y Educación	32\$00
ROSA MARIN CABRERO — Pedagogía del Evangelio	84\$00
DR. E. CLAPAREDE — Psicología del Niño	45\$00
MAX SCHELER — Sociología del Saber	80\$00
M. BARBADO O. P. — Estudios de Psicología Experimental	220\$00
WILHELM DILTEY — Introducción a las Ciencias del Espíritu	96\$00
WILLIAM STERN — Psicología y Pedagogía de la Adolescencia	40\$00
ETIENNE GILSON — La Filosofía en la Edad Media	75\$00

EM PROL DA CULTURA

XI

O mês de Outubro foi rico de realizações culturais, para consolo e estímulo de quantos ainda crêem no valor e sobrevivência do Espírito. E quer dentro do País, quer no Estrangeiro, o nome de Portugal pronunciou-se muitas vezes com respeito e admiração.

As grandes riquezas territoriais ou de potencial inesgotável dão aos Povos situações de relevo e de prestígio, mas não bastam para os impor à Consciência universal. Esta só os regista em sua memória indelével quando, acima daquelas forças essencialmente materiais, ostentam em sua vida social e comunicativa os sinais característicos da Cultura.

Portugal foi sempre, através da sua longa e acidentada História, um Apóstolo fervoroso da Civilização, espalhando-a pròdigamente por todos os recantos do Planeta.

Eis os motivos por que, terminado o longo período de decadência e lutas intestinas de mais de um século de instabilidade nacional, ele volta a ser lembrado e consagrado pelos Povos mais cultos.

Nos Congressos realizados dentro do País, Delegados ilustres de Nações poderosas e de requintada Civilização sentiram e disseram palavras de alto significado.

No «Colloquium» luso-brasileiro de Washington reuniram-se representantes da Cultura mundial para tomarem contacto directo com as últimas primorosas manifestações do Espírito português e recordarem em notáveis estudos históricos os feitos imorredouros dos velhos Lusos.

Portugal viveu assim no passado mês de Outubro um dos seus meses mais memoráveis e inesquecíveis. Oxalá de todas essas consagrações saibamos colher o ensinamento que deve tirar-se de tão honrosos e obrigantes estímulos.

A iniciativa do «Colloquium» luso-brasileiro partiu da Biblioteca do Congresso de Washington e foi devido ao prestígio de que desfruta no Mundo esse organismo cultural que tão numerosa e selecta assistência ali se reuniu no findo mês de Outubro. Repitamos: a iniciativa partiu daquela Biblioteca, centro admirável de estudos, investigações e ensinamentos. Por todo o Mundo ecoou o nome de Portugal em gratíssimas referências e muitos vultos proeminentes dos principais Países conviveram durante alguns dias com Portugueses ilustres e magníficos documentos da nossa Cultura. E foi uma Biblioteca, a Biblioteca de Washington, fiel ao seu programa de Biblioteca modelar, que promoveu e realizou a admirável reunião de tão excepcionais vantagens para o Espírito e a Língua de Portugal. Tomaremos na devida conta esse facto, estudaremos agora a salvação da nossa Biblioteca Nacional? Não estará para divulgar-se a notícia magnífica?

O Congresso das Capitais deu motivo a que se ventilassem problemas dos mais interessantes relativos a urbanização e se enaltecêssem na justa medida os consideráveis progressos de Lisboa desde 1930 para cá. Numa das teses, certamente por *gralha* tipográfica, escreveu-se: desde 1910.... É justo prestar calorosa homenagem à memória de Duarte Pacheco e aos esforços vivos, ininterruptos, trepidantes de Salvação Barreto que, dia a dia, realiza novas transformações na formosa Capital a cujos destinos ele preside com tanta devoção e tenacidade. Numa das solenidades, o Ministro do Interior definiu com muita lucidez «o nosso feitiço individualista e independente que não se compadece com o falans-tério e a caserna colectivista» e justifica plenamente os motivos por que «Lisboa, mais do que em altura, cresce em extensão». Noutra passagem, o Dr. Trigo de Negreiros afirmou:

«Ao lado da fábrica e do mercado, que asseguram a produção e o consumo, o monumento público, a igreja, a escola e o jardim devem atestar a existência duma vida espiritual».

As sessões de estudo foram animadas e profícuas, convencendo-se os Congressistas estrangeiros de que em Portugal toda a vida colectiva é baseada numa íntima colaboração entre o Estado e os Municípios.

Aos Congressistas foram oferecidos passeios e festas, sobresaindo pelo seu cunho artístico a récita de gala no Teatro de São Carlos, onde abriu o programa uma bela composição de Carlos Seixas e o fechou a exibição de dois números dos «Bailados Verde Gaio», a admirável e ainda tão mal apreciada iniciativa do antigo Director do Secretariado Nacional da Informação, António Ferro. Só foi pena que no respectivo programa se não desse destes dois números a devida explicação¹.

Em Novembro de 1920, festejou o Chile o 4.º Centenário da Circum-navegação do Globo por Fernão de Magalhães. Não esteve presente a nossa Marinha, que nessa época quase não tinha onde navegar, mas foi a Punta Arenas o insigne Diplomata e Homem de Letras, Alberto de Oliveira, ao tempo nosso Ministro na Argentina. Foi e em 4 discursos ele soube a um tempo agradecer as honrosas homenagens prestadas a um dos maiores e mais firmes Navegadores de todos os tempos e preleccionar eloquentemente sobre os feitos gloriosos de Portugal nesse inesquecível Século em que os pilotos e cartógrafos lusitanos fundaram e praticaram com

¹ A contrastar com tal esquecimento há a existência infeliz dum programa de *fados*, onde houve o topete de escrever: «Plusieurs «fados» sont empreints du sentiment catholique...». O programa foi o guia dum serão também dedicado aos Congressistas, que não teve, felizmente, nem o apoio de quantos podiam intervir na sua organização nem o agrado de todos os que assistiram. Sendo o *fado* um vício, uma paixão doentia de certos ambientes pouco higiénicos, nunca deveria ele ter constituído hipotético recreio dum Congresso em que se discutiram teses tão saudáveis e reconstituintes.

êxito surpreendente a ciência náutica transoceânica em bases do mais rigoroso fundo científico. À Universidade do Chile entregou ainda Alberto de Oliveira trabalhos de Joaquim Bensaude e Luciano Pereira da Silva relativos à *Metódica dos Descobrimentos*, iniciando assim com esse longínquo País amistosas relações culturais. Trinta anos depois, por impressionante gentileza do Governo chileno, inaugurou-se em Lisboa uma reprodução da estátua que encima aquele belo Monumento, obra do Escultor Guilherme Córdoba, e que ficará a consagrar apeciável cordialidade entre os dois Povos. A solenidade do descerramento da Estátua na formosa e moderníssima Praça do Chile integrou-se nas actividades do 2.º Congresso das Capitais.

A Comissão permanente da União Internacional para a protecção das Obras Literárias e Artísticas também se reuniu em Lisboa no mês de Outubro. Tornou-se possível a Convenção Universal preconizada na Conferência de Bruxelas sem prejuízo da União, exaltando-se com unanimidade impressionante os invioláveis Direitos do Espírito.

Remodelou-se inteiramente o Instituto de Odivelas, graças à iniciativa do Ministro da Defesa Nacional, Sr. Tenente-Coronel Santos Costa, que em escassa dezena de anos promoveu e levou a cabo no Exército uma obra inapagável de ressurgimento moral e material. Hoje, têm as educandas daquele estabelecimento educativo um excepcional ambiente de conforto e bom ensino. Nenhunas palavras poderão exprimir tão bem a abnegação da obra realizada como estas do próprio Ministro: «*A justiça destas crianças dirá um dia se valeu a pena este empreendimento*». Valeu decerto, e no maior grau educativo e cultural.

Dentro duma nobre Política de veneração pelos que mais enriqueceram o nosso Património espiritual, foram repatriados com a máxima solenidade, os restos mortais do antigo Chefe de Estado e eminente Escritor, Manuel Teixeira Gomes. Cumpriu a Pátria um dever sagrado e deu um exemplo de rara elegância moral àqueles que tão facciosamente confundem valores próprios com paixões políticas. Outro acto de semelhante nobreza seria o repatriamento do insigne Pianista e Compositor Óscar da Silva, que continua em São Paulo aguardando a chamada à Pátria, que ele tanto estremece e que tanto ainda pode honrar. Se aos Mortos ilustres se devem sentidas homenagens como as prestadas a Teixeira Gomes, aos Vivos, a quem a desgraça colocou em situação precária e que opulentaram os escrínios da Arte portuguesa com jóias como as que Óscar da Silva lhes prodigalizou, não pode a Pátria esquecer-lhos ou desampará-los. O nosso glorioso Músico já ultrapassou os 80 anos.

Depois dos Apelos feitos nos últimos tempos, não será inclemência demorar o regresso do grande Artista e exemplar Português?

Inaugurou-se, finalmente, a Estátua de Camilo Castelo Branco numa grande Avenida de Lisboa. Desde 25 de Outubro, a máscula figura do genial Romancista está mais presente à admiração de todos os seus leitores na obra expressiva e palpitante de António Duarte. Bem haja o Presidente da Câmara de Lisboa por mais este seu preito de justiça à Cultura Nacional.

A Emissora Nacional iniciou uma nova rubrica intitulada «A Voz do Império», organizada pela Agência Geral das Colónias com escrupuloso sentido informativo e educativo e transmitida aos ouvintes com vibrante compreensão. Merecem os máximos louvores programas como este, em que tão nobremente se exalta e engrandece o verdadeiro Patriotismo.

De Luanda, chega-nos o N.º 1 da '*Revista de Ensino*' editada pela Repartição Central dos Serviços de Instrução com o objectivo de firmar em bases mais sólidas nossa legítima consciência imperial. Desse n.º cumpre transcrever, *data venia*, o seguinte:

De Ávila de Azevedo:

2. — Nesta provincia ultramarina de Angola a Escola é naturalmente um dos veículos fundamentais da influencia civilizadora dos Portugueses. É pela Escola que se transmite e se depura a lingua; é pela Escola que a criança ou o adolescente tomam a consciencia da cultura do nosso povo; é ainda pela Escola que se aprende a conhecer melhor e a amar a Pátria comum.

Por consequencia a Escola terá de ser estruturalmente portuguesa e manter bem vivo no coração de todos os filhos dos colonos o sentimento da unidade nacional, independentemente das differencias de territórios, de culturas e de linguas e das distancias que os separam.

À Escola, na sua immediata função de preparação profissional, cabem responsabilidades especiais na formação da juventude angolana.

Neste imenso território, ainda por desbravar em grande parte, são necessários homens empreendedores, com iniciativa e qualidades de acção, bem apetrechados para vencerem as dificuldades do meio muitas vezes hostile. Todos os rapazes e raparigas de Angola devem ter a noção clara da obra gigantesca que os espera. São necessários, sem dúvida, funcionários probos e competentes, mas principalmente agricultores experimentados, condutores de máquinas, auxiliares de engenharia, cerralheiros especializados, contabilistas, guarda-livros — numa palavra todos aqueles mesteres que comandem a batalha da técnica que terá de dominar nos países coloniais.

4. — Na base de toda a actividade escolar encontra-se hoje como sempre o professor. Pode a Escola ser instalada num edificio espléndido que seja a última palavra da arquitectura moderna; possuir material pedagógico mais adequado e abundante; obedecer a um regulamento em que não se esqueça o mínimo pormenor, mas se nela faltarem professores com saber, entusiasmo, dedicação pelos alunos e pelo mester que abraçaram — tudo o mais parecerá frio, inerte, inútil!

Se há profissão que exija qualidades múltiplas e complexas é sem dúvida a do professor. Mestre que não procure aumentar a sua cultura; que não tenha método de ensino; que se enfade no trato com os alunos; que veja

na carreira que seguiu apenas o ganha-pão, não é decerto verdadeiro Mestre, muito embora quase todos os que beberam um pouco de água de Minerva se suponham logo capazes de ensinar...

Mas, por indispensáveis que sejam esses predicados ao professor, o fundamental é aquele de onde derivam todos os outros é a devoção pelo seu ministério. Frase corrente e por demais repetida é aquela que compara o professor ao sacerdote... Contudo a semelhança traduz uma verdade porque um e outro necessitam de se dedicar completa e exclusivamente à sua missão; um e outro terão de usar tanto dos dotes de inteligência como dos impulsos do coração e, até no professorado como no sacerdócio, é necessário um certo desprendimento dos bens terrenos, uma certa renúncia...

Profissão difícil a do professor... Inteligência aberta, amor pelas coisas do espírito, inteireza moral, isenção, comunicabilidade e simpatia humana, vida exemplar, e, além destes requisitos, outros ainda como a assiduidade, a disciplina, o zelo pelo ensino, o escrúpulo posto em todas as tarefas, a fuga à rotina...

Por isso o professor deve ocupar na sociedade o lugar a que tem direito e ser retribuído com a largueza que permita seleccioná-lo entre os melhores valores.

De Manuel António Rodrigues:

Angola tem de lançar mão das suas riquezas, economicamente exploradas, para fazer face às exigências, cada vez maiores, do seu comércio externo.

Se os produtos que porventura ofereça em troca de máquinas, ou de outros, forem de baixa qualidade, arrisca-se a pagar por preços exorbitantes essas máquinas ou ferramentas de que necessita para a sua expansão comercial e, o que é pior, a perder os mercados externos que, com muito custo, conquistou. E esta última hipótese, a dar-se, pode comprometer a vida económica da Colónia.

Na presente conjectura, há um só caminho: mobilizar todas as forças para se conseguir o aperfeiçoamento industrial e comercial da maior parcela do nosso Império Colonial.

Esse aperfeiçoamento só será verdadeiramente positivo, quando não necessitarmos de importar do estrangeiro a mão-de-obra especializada. E isto não se dará, enquanto a escola técnica não ocupar o lugar que lhe pertence, como órgão principal do desenvolvimento industrial e comercial da Colónia.

A primeira escola técnica a funcionar nesta Colónia foi a actual *Escola Prática de Pesca e Comércio de Moçâmedes*, cujo corpo docente é reduzidíssimo, para que se possa obter um resultado eficiente e, também, faltam instalações adequadas ao ensino técnico profissional. Contudo, os diplomados por este estabelecimento estão, com excepção de um pequeno número que preferiu a vida de funcionário, colocados nas empresas industriais e comerciais da Colónia.

Destes últimos, alguns têm a direcção ou chefia das casas onde estão colocados.

Veio mais tarde a criação da *Escola Agro-Pecuária do Tchivinguiro*, que entrou em funcionamento no último ano lectivo.

Pelo Diploma Legislativo n.º 2:117, do ano findo, foram criadas as escolas técnicas de Luanda e de Nova Lisboa, respectivamente, *Escola Industrial* e *Escola Industrial e Comercial*.

Isto marca, indubitavelmente, um grande avanço no ensino técnico de Angola.

Esta medida acertada e valiosa deve-se à clara visão e perfeito conhecimento das necessidades da Colónia de Sua Excelência o Senhor Governador-Geral, capitão Silva Carvalho.

Há mais duas escolas técnicas particulares, uma em Luanda e outra em Silva Porto.

Evidentemente que se começou por onde se devia começar — por criar escolas, dotando-as com um corpo docente.

O resto virá a seu tempo, estou certo disso, dado o interesse que os

poderes públicos têm dedicado, ultimamente, ao ensino técnico da Colónia. Confiemos, pois, na persistência, na competência e na boa vontade de que mostram estar possuídos os Homens que estão à frente dos destinos de Angola.

Angola entrou, felizmente, no interesse nacional e já merece as mais profundas atenções de todos os Portugueses cultos. Por isso, repetimos com prazer o que vimos dizendo há anos: ela será, em futuro não longínquo, o nosso segundo Brasil.

O '*Boletim do Museu Nacional de Arte Antiga*' publicou há pouco o 1.º fascículo do Volume II, relativo ao ano de 1948. Lamentando sinceramente que tão notável publicação não veja a luz pelo menos de 4 em 4 meses e com a maior regularidade, cumpre-nos salientar entre a colaboração do presente fascículo as substanciaosas páginas do Dr. João Couto intituladas «Justificação do arranjo de um Museu», já pela doutrina que defendem, como pela exemplar energia construtiva que representam. Modelos de doutrina são as passagens seguintes:

«O facto de muitas [escolas] se furtarem a acorrer ao nosso apelo [no sentido de tomarem conhecimento com os Museus para se fazerem desabrochar e orientar as faculdades artísticas dos homens de amanhã] levou-me a realizar no Liceu acima referido [Pedro Nunes] uma conferência a que presidiram o reitor dr. Sá de Oliveira, eminente pedagoga, e o dr. José de Figueiredo e que se publicou sob o título «Escola sem Arte». Ali se menciona o vazio da educação artística da juventude no nosso País com graves reflexos na idade adulta e se expõem as ambições do Museu se o quiséssemos aproveitar como instrumento intensivo de Cultura.

Quando passei a Conservador efectivo e tive aos ombros outros encargos e, sobretudo, quando assumi a direcção do Museu, o serviço de extensão escolar esmoreceu. Continuei, porém, a pensar que o Museu não podia deixar de ser no futuro um Centro educativo, quer por si próprio, quer em colaboração com as Universidades, liceus e escolas de ensino técnico para não falar nas primárias. E pareceu-me que a melhor maneira de realizar esta finalidade, aceite e praticada em todos os países cultos, era dotar as Janelas Verdes com uma espécie de departamento de estudo e de divulgação das obras de Arte, cujo entendimento não é, felizmente, só para eleitos».

«Um Museu não pode ser apenas logradouro dos que vêm deleitar-se na contemplação das obras de Arte. O Museu que, no campo das suas múltiplas actividades, se não integra nas necessidades culturais de uma época — e a nossa vida é de prementes e complexas exigências — é uma instituição incompleta quanto ao objectivo social, ao interesse colectivo».

No 1.º Congresso de Editores e Livreiros do Brasil, promovido pela Câmara Brasileira do Livro e realizado em S. Paulo no mês de Novembro de 1948, tomaram-se resoluções, que convém fixar:

Insistir com os poderes públicos no sentido de ser regulamentada a importação do papel para livros e de máquinas novas, destinadas à completa remodelação da indústria gráfica;

Uniformização de indicações bibliográficas;

Organização de um completo fichário bibliográfico;

Divulgação de estudos e pesquisas técnicas para um perfeito desenvolvimento da indústria gráfica;

Remessa à Câmara Brasileira do Livro de dois exemplares de cada obra editada, para mostruário completo das edições nacionais e futuras ofertas a municípios que se comprometam a manter abertas bibliotecas públicas;

Promover concursos, palestras, artigos, feiras e exposições que possibilitem a mais ampla divulgação do livro;

Solicitar dos jornais, revistas e estações de rádio a concessão de descontos especiais para a publicidade do livro, como já foi estabelecido para a publicidade cinematográfica e teatral;

Intensificar a campanha do livro como presente ideal, iniciada sempre a 22 de Novembro, «O Dia do Livro»; (1)

Promover a realização dum convénio entre Editores e Livreiros para que seja inflexivelmente respeitado o preço de capa;

Ponderar as possibilidades e vantagens de se estabelecerem tabelas distintas de descontos, de acordo com a espécie dos livros;

Aconselhar o sistema de vendas exclusivamente em conta firme, permitindo-se apenas a devolução das Novidades invendáveis dentro de um ano;

Repudiar as trocas como sistema de comerciar em livros;

Recomendar que não se liquidem saldos sem previamente se consultarem os Autores ou se retirarem todos os exemplares colocados antes nas livrarias;

Estabelecer com o Sindicato das Indústrias Gráficas normas práticas tendentes a melhorar a execução do livro no que diz respeito a originais, provas, emendas, etc. e, consequentemente, o bom aspecto gráfico das obras;

Aperfeiçoar o mais possível a capacidade do vendedor de livros, favorecendo igualmente a criação de escolas ou cursos de correspondência para livreiros;

Promover a criação duma Sociedade cooperativa ou comercial para a distribuição dos livros de todos;

Pleitear tenazmente pela redução das tarifas postais para o livro e pela isenção de impostos para o comércio livreiro, tal como já fez o Estado de São Paulo;

Solicitar do Congresso Nacional aumento de verba para o Instituto Nacional do Livro, a fim de este atingir nas suas distribuições um número muito maior de escolas, bibliotecas e entidades similares;

Estudar a codificação do Direito autoral, atendendo-se aos interesses de Editores e Escritores;

Melhorar tanto quanto possível o nível geral das traduções de livros estrangeiros em português, firmando o sentido da responsabilidade de Editores e tradutores nessa matéria;

Solicitar do governo maior estímulo aos Autores nacionais organizando Concursos literários com prémios em dinheiro, criando novas bibliotecas e fazendo com que cada Município já possuidor de uma biblioteca empregue certa percentagem de sua renda na aquisição de novos livros;

Pugnar pela indivisibilidade dos direitos de tradução e de propriedade literária para ambos os Países de Língua Portuguesa e seus domínios;

Representar junto dos poderes públicos para que sejam abolidos todos os entraves à livre circulação do livro, inclusive a exigência de licença prévia para a importação de traduções editadas em Portugal;

Combater por todas as formas a literatura nociva à infância e à juventude;

Restringir as ofertas de livros às necessidades normais de propaganda e noticiário bibliográfico;

Recomendar a todos os Editores e Livreiros que dispensem o maior apoio às Revistas literárias, por serem elas um dos mais eficientes impulsores da divulgação do Livro e da Cultura; e

Recomendar à Câmara Brasileira do Livro que faça realizar anualmente feiras de livros nas principais cidades do Brasil dentro dum regulamento que harmonize os interesses de Editores e Livreiros.

São, como se vê, perfeitas e do mais alto significado as teses defendidas e aprovadas no 1.º Congresso de Editores e Livreiros

(1) Foi no dia 22 de Novembro de 1947 que o Executivo e o Legislativo do Estado de São Paulo isentaram o comércio do livro do imposto de vendas e consignações, motivo por que esse dia recebeu o nome de «Dia do Livro».

do Brasil. Só falta que se cumpram dentro do possível e que os Editores e Livreiros de Portugal a elas adiram com sinceridade e ânimo resolutivo.

A rubrica «O Compositor da Semana» da Emissora Nacional conta já desde Dezembro até agora com 48 emissões de Compositores estrangeiros e NEM UMA SÓ DE COMPOSITOR PORTUGUÊS. E dos estrangeiros, salvo erro, foram repetidos nesse tempo: Schumann, Grieg, Mozart, Williams e Bizet pelo menos. Não há Compositores portugueses? — Eis uma lista que toda a gente conhece: Alfredo Keil, Carlos Seixas, David de Sousa, Duarte Lobo, Francisco de Freitas Gazul, D. João IV, João Arroio, João de Sousa Carvalho, João Domingos Bontempo, Marcos Portugal, Miguel Ângelo Pereira, Viana da Mota.

Não há discos gravados? — E porque não os grava a Emissora Nacional? Porque não estabelece um plano metódico de execução de números portugueses, precisamente para serem gravados? Tem Orquestras, tem estúdios, nada lhe falta. E com isso resolveria dois problemas: o de intercalar os Compositores portugueses, como é de sua indeclinável obrigação, na rubrica «O Compositor da Semana» e o de poder distribuir a Emissoras estrangeiras discos com as principais obras dos nossos Compositores. Poderá algum pernóstico *não-te-rales* chamar a esta atitude de 'Ocidente' capricho ou cisma doentia? Gasta-se ali dinheiro à grande com fados e guitarradas, serões muito confusos e cantilenas incaracterísticas. Bem podia destinar-se uma parte dele à gravação de discos que perpetuassem os primores do nosso engenho musical.

As revistas juvenis preocupam deveras todo o Mundo culto. No Parlamento britânico discutiu-se o assunto com a largueza habitual e concluiu-se que as revistas inglesas não têm os defeitos doutras estrangeiras: crueldade, vingança, demasiado sexo e crimes. Ao contrário distinguem-se pelo seu bom humor e vitória da justiça em todas as aventuras. Anthony Eden comentou: «acho que seria melhor se importássemos dos Estados Unidos boa literatura, em vez dessas historietas». As historietas são os quadrinhos, que tornam as crianças preguiçosas e lhes roubam muito tempo, massacram a Moral e o Idioma e entorpecem o sadio desenvolvimento psicológico. Entre nós já circula excesso desses quadrinhos de mau gosto e pior efeito.

No Funchal, fundou-se o «Instituto Cultural da Madeira», que já tem Estatutos aprovados e não deixará de realizar actos que justifiquem e dignifiquem o nome escolhido. Na bela Ilha fundou-se também uma Sociedade de Concertos, que, além das suas actividades musicais, publica uma óptima revista: '*Das Artes e da História da Madeira*'.

SONETO

LXII

Amo-te mais a ausência que a presença,
Porque na ausência és mais presente em mim.
— Carcereiro cativo, amo-te assim,
Sem um minuto que te não pertença!

Flor de narciso que se olhou suspensa
Nas águas verdes e azuis, sem fim...
Ao descobrir o teu segredo, vim
Correndo ao teu encontro sem detença.

Amor profano, tão exclusivo e cego,
Roubas-me o tempo, levas-me o sossego,
Tiras-me o sono, o orgulho e o pensar...

Mas só receio, meu amor de agora,
Que Amor se canse, pois melhor me fôra
O frio da Morte do que não te amar!

Do livro a publicar «ECCE-HOMO»

AMÉRICO DURÃO

PORTUGAL VAI COMEMORAR O 1.º CENTENÁRIO DO NASCIMENTO DE SILVA PORTO

É já no próximo dia 11 que no Porto se iniciam as homenagens ao grande Mestre paisagista português.

A Câmara Municipal, a Academia Nacional de Belas Artes, o Grémio dos Industriais de Ourivesaria do Norte e a Escola Superior de Belas Artes, onde Silva Porto se preparou para em Paris e Itália completar seus estudos, trabalham na mais perfeita e legítima comunhão de pensamento, para que as referidas comemorações se revistam da solenidade e elevação devidas à obra notabilíssima e ao nome glorioso do genial Artista.

António Carvalho da Silva Porto fez a sua aprendizagem na antiga Academia Portuense de Belas Artes para, depois de vitoriosamente terminados seus estudos no estrangeiro, exercer o magistério na Real Academia de Lisboa. Como realizador e Mestre invulgar, bem cedo o seu nome se prestigiou, não tardando a projectar-se em todo o País.

Com efeito, Silva Porto, na criteriosa opinião de um dos seus críticos mais ilustres — Ramalho Ortigão — «foi o primeiro dos nossos Pintores que, frente a frente com a Natureza, humildemente, pacientemente e apaixonadamente a inquiriu nos seus múltiplos aspectos»



O próximo número de '*Ocidente*' será de consagração ao grande Mestre da «Seara» e de «Na Salmeja». Entretanto é-nos grato desde já informar que na Capital nortenha as comemorações constarão da inauguração de um monumento da autoria de Barata Feyo e Júlio de Brito, entrega da Medalha de Honra da Cidade do Porto, grande Exposição da obra do genial Pintor no Museu Nacional Soares dos Reis e apresentação pública de uma medalha comemorativa, da autoria do Escultor João da Silva.



Na Sociedade Nacional de Belas Artes, de Lisboa, inaugurou-se em 28 de Outubro último uma Exposição de trabalhos do insigne Paisagista.



SOB A INVOCAÇÃO DE CLIO

Crónica de RODRIGUES CAVALHEIRO

MEMÓRIAS E MEMORIALISTAS Tem-se dito, escrito e repetido muitas vezes que a Literatura portuguesa é extremamente pobre de Memórias individuais. E, a propósito, citam-se sempre, em paralelo, as riquezas extraordinárias que outros países (a França, a Inglaterra, a Alemanha) possuem no género. E tal comparação, com efeito, deita por terra qualquer veleidade que porventura houvesse em atribuir-nos um lugar não excessivamente modesto na escala dos *valores memorialistas* da Europa...

Mas, a meu ver, o problema não deve ser equacionado dessa forma. Não é em confronto com o número infinito de Memórias publicadas em França (são as mais conhecidas entre nós, como é natural), desde Du Bellay aos tortulhos que a derrota de 1940 produziu, que se deve avaliar da capacidade ou incapacidade da nossa gente para se dedicar a tal género literário. O que há a fazer, penso eu, é, adentro do quadro geral da nossa produção literária, integrando-a na *fisionomia* e nas *possibilidades* da nossa actividade mental e estética através de cinco ou seis séculos de Literatura nacional, concluir da abundância ou carência, primeiro, dessa modalidade historiográfica, da sua qualidade, como documento pessoal ou político, depois. E creio que não é isso o que se tem feito até agora. Mas valia a pena fazê-lo...

Claro está que este e outros problemas de boa arrumação de ideias e de verificação da validade ou invalidade de certos conceitos bastante generalizados, acham-se presos directamente a uma operação prévia: — a organização séria duma séria *Bibliografia Histórica Portuguesa*, como a possuem já os principais países da Europa e da América em relação às suas respectivas produções historiográficas. Sem isso todo o esforço é vão, — porque, sem se conhecer com exactidão possível a *quantidade* de obras que de determinado género possuímos, não é fácil avaliar da sua *qualidade* ou valor intrínseco.

É, realmente, estranho que, com o desenvolvimento que os estudos históricos têm tido nas últimas décadas entre nós e com o evidente gosto que o público leitor manifesta por esse departamento literário, não se tenha ainda posto um pouco de ordem na matéria.

Quem inicia qualquer investigação, por modesta que seja, sente imediatamente a falta dum guia bibliográfico, que lhe não faça perder tempo em buscas inúteis, em leituras escusadas, e evite que os que se abalançam a tratar dum determinado problema histórico não percorram caminho já andado por eruditos que tivessem publicado o resultado dos seus estudos numa revista obscura, numa miscelânea pouco conhecida, num jornal efémero ou já esquecido.

Sem a elaboração duma *Bibliografia Histórica Portuguesa* (actualização sob todos os pontos de vista, da obra, ainda hoje útil, de Jorge César de Figanière), sem a elaboração desse indispensável *vade mecum* do Historiógrafo português, não poderemos dizer com certeza se é rica, ou não, em *quantidade* a Literatura de Memórias em Portugal. Sondagens parcelares (haja em vista o que apurou Gastão de Melo de Matos só para os princípios do Século XVIII) não parecem confirmar o pessimismo dos que consideram esse género literário fracamente representado entre nós.

E em relação à *qualidade*? Aí é que é possível que tenham razão os que não reputam de excepcional valia histórica, psicológica ou literária o panorama geral das Memórias escritas na nossa Língua. Mas haverá, realmente, Memórias de absoluta valia histórica? Ou valerão elas apenas pela sugestão do estilo ou pela profundidade de pensamento de quem as escreve? Aqui ao meu lado, o belo prefácio de Forneron à sua '*Histoire Générale des Emigrés*' fala como gente... E certas páginas das '*Lectures*', de Jacques Bainville, também ensinam muito a esse respeito.

O que não consta é que os nossos grandes homens públicos tivessem redigido, em alguns séculos de vida nacional, as impressões do seu contacto com os complicados problemas de governo em que tiveram de intervir directa e pessoalmente. Pensavam, talvez, como Metternich: — «Fiz História; eis por que não tive tempo de a escrever». (E, no entanto, deixou-nos algumas páginas preciosas de recordações...).

Diz-se que essa lacuna vai — ou começou já talvez... — a ser preenchida para a época contemporânea. Alguns políticos das classes inactivas redigem, afanosamente, ao que se afirma, volumes de Memórias de tudo aquilo que passou e não volta mais... Ao contrário de Metternich, têm tido tempo de escrever. Mas, para não se confundirem com o grande diplomata austriaco, esses não fizeram História, porque pertenciam àquela categoria de homens de quem Ortega y Gasset disse lapidarmente: — «*No pueden hacer nada; sólo pueden deshacer*»...

ANOTAÇÃO ÀS 'CARTAS' DE EÇA Novembro evoca-nos sempre o Eça, que neste mês nasceu há 105 anos. Cumpriu-se em Agosto último meio-século sobre a sua morte, tão bem descrita por Viana Moog, evocada, com tanta saudade e carinho, há pouco, pela Filha do genial Romancista, no belo livro que consagrou à vida íntima de seus Pais, valorizado a não mais poder ser pelas expressivas e reveladoras cartas de Eça a sua Mulher.

Recordando, neste mês em que os Mortos têm no nosso coração um lugar mais aconchegado, a memória do Escritor inigualável, vamos anotar uma das suas obras, aparecida na altura do centenário, mas que parece não ter tido a projecção que, na verdade, merecia. Referimo-nos às '*Cartas*', que, todavia, nos fornecem elementos de valor para a compreensão do homem e da obra, dando-nos uma mão-cheia de motivos melódicos a enquadrar, de futuro, na grande sinfonia queirosiana ainda por compor entre nós. E se muitas dessas páginas já eram conhecidas antes desta edição — as que, especialmente, faziam parte dum volume aparecido no Brasil, — isso em nada lhes diminui o interesse. Revistas e corrigidas (a impressão brasileira era tipogrâficamente dum desleixo imperdoável...), elas surgiram entre nós, acompanhadas de outras — até aí dispersas aos quatro ventos do acaso — e remoadas na sua fisionomia sempre atraente. O conjunto é harmónico, discreto e sóbrio — como convém a um livro de Eça de Queirós.

De momento basta sublinhar alguns passos que devem atrair a atenção de críticos e biógrafos. Porque o caso da '*Batalha do Caia*' tem sido suficientemente anotado não vale a pena demorarmos-nos no seu comentário. Há aspectos tanto ou mais curiosos a focar numa impressão mesmo superficial como é esta que estamos a registar. Para não ir mais longe, aquela frase a Ramalho Ortigão (Julho de 1882), a propósito de '*As Farpas*': — «Enfim, volume admirável — com defeitos, como por exemplo uma exagerada *embasbacção* para a importância da ciência e para a maravilha da indústria...». Já ali desponta alguma coisa do Jacinto do 202 a verificar melancolicamente que «tudo falha»...

Mas há outra carta a Ramalho que merece maior atenção ainda. É escrita de Bristol, em Agosto de 1886. O futuro autor de '*O culto da Arte em Portugal*' (que só appareceria dez anos depois) percorria o nosso País com aquele gosto turístico e aquela intuição nacionalista de que deixou testemunhos insofismáveis em tantas páginas de belíssima prosa. E Eça, de longe, comendo o monóculo, já levemente embaciado de ternura portuguesa, aplaude-o com transparente sinceridade: — «Fez-me considerável inveja a sua jornada por esses cantos de Portugal histórico. Assim Você pudesse comunicar ao País esse amor do passado e da tradição que parece ir-se tornando em si a sua segunda maneira espiritual. — Em todo o caso, na sua obra e na história, ficará decerto como o período mais simpático esse em que Você tem ultimamente procurado despertar uma centelha viva de patriotismo. Esse belo *arranque para trás*, para tentar de novo cair no velho e activo molde português — fica-lhe imensamente bem!». Era já assim Eça de Queirós em 1886...

Dois anos antes, numa página em que se retrata o seu melhor humorismo e que é irmã-gêmea de certa carta de Fradique, queixando-se dos males físicos que o afligiam, desabafa com Oliveira Martins: — «Estou aborrecido com a persistência deste incómodo e indignado por ter descoberto que a sua causa está nestas comidas do Hotel *feitas à francesa*. Sempre a França e a reles tradução

que delas fazemos! Tudo isto se deve à Revolução de 89; e eu agora sempre que me dirijo ao *water-closet*, de calças na mão, vou rosnando as piores pragas contra os Enciclopedistas! Quando voltará este desventuroso País à sua tradição que é o Senhor D. João VI, o padre, o arrieiro, o belo caldo de galinha, o rico assado de espeto e o patriótico arroz de forno! Mas não! Querem ser liberais, filósofos, franceses, polidos, ligeiros... Consequência: o País como tu sabes, e eu com soltura há oito dias».

A pouco e pouco, o espírito de Eça de Queirós ia absorvendo mais profundamente o amor do torrão natal. A idade, a experiência da vida, o conchego do lar, despertam nele sentimentos novos ou adormecidos há muito. Renega quase certas páginas da mocidade, como as da '*Campanha Alegre*', virulentas e ácidas em extremo. Escreve então a Ramalho (Outubro de 1890): — «Eu acabo de rere as minhas '*Farpas*': são uma colecção de pilhérias envelhecidas que não valem o papel em que estão impressas. Estou hoje tão longe delas e do estado de espírito que as inspirou — que já quase as não compreendo, e, portanto, de modo nenhum as defendo». Parece-nos de capital importância esta confissão.

Estava-se numa viragem da História de Portugal, — o conflito anglo-luso de 1890, a revolta republicana de 1891, a crise financeira de 1892... Eça de Queirós sente tudo isso... «O momento histórico está-se tornando de um interesse agudo» — escreve ele a Luís de Magalhães, pouco depois do *31 de Janeiro*. E quando Oliveira Martins está para ser ministro, o romancista não oculta a sua satisfação: — «...alegro-me pelo nosso pobre País e pela regeneração social e económica a que podes deixar ligado o teu nome de Pensador e de Artista». E também: — «Seria supèrfluamente supèrfluo o acrescentar que me tens aqui ardentemente pronto para o teu serviço e da *grande obra*». *E da grande obra*... Eça aderiu assim francamente ao programa político de Oliveira Martins. É ou não é curioso tudo isto?

É do mesmo ano (Maio de 1892) uma carta a Eduardo Prado que não se poderá ler sem um profundo enternecimento. Eça viaja pelo Minho-e-Douro, que há muitos anos o Escritor não percorria, e desabafa, entusiasticamente, em linhas que serão o ante-projecto das descrições inolvidáveis de Tormes: — «Esta nossa terra é sem dúvida a obra-prima do grande paisagista que está nos Céus. Que beleza! E tudo toma o doce estilo da *Écloga*. Tudo canta. Cantam, trabalhando, cavadores e ceifeiras, até canta o carro de bois, o velho carro do *Latium*, levando o mato pelas azinhagas!... O pior são as camas nas hospedarias. Mas em compensação que maravilhosas caçoilas de arroz e que divinos anhos pascais assados no forno! Não posso compreender como este é um país *falido*. Em toda a parte onde estive não vi um palmo de chão, onde se pudesse assentar o pé sem perigo de esmagar uma semente. As flores silvestres, não tendo já onde florir, procuram refúgio nos telhados. A terra toda parece prenhe de pão. E no ar tudo é vinha e azeitona em flor...».

E para terminar: — não será altamente significativo na evo-

lução espiritual e política de Eça de Queirós aquele seu convite a Oliveira Martins para colaborar numa publicação periódica que, de parceria com Eduardo Prado, ia organizar em Paris, como sucessora da 'Revista de Portugal', e em que se lançaria «o neo-cristianismo em literatura» e «em política o socialismo cristão»? Tudo isso que deixamos superficialissimamente anotado e que aflora tímidamente, como botões primaveris de roseiral com raízes profundas, não deve merecer um pouco de meditação aos que quiserem estudar e admirar o verdadeiro Eça de Queirós — aquele que, afinal, jazia no mais recôndito do seu coração, da sua sensibilidade e da sua inteligência? Pois saiba-se que este volume de 'Cartas' não figura, sequer, na edição das *Obras Completas* do Escritor, editada para comemorar o seu Centenário...

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO NACIONAL

Ordem de Serviço de 20 de Novembro de 1944

Recomendo que nos documentos a expedir por este Ministério os diversos Institutos e Serviços sejam designados por extenso, preterindo-se o confuso e inexpressivo sistema das iniciais. No «Diário do Governo» nenhum diploma será publicado com aquela forma de abreviação. — CAEIRO DA MATA.

OBRAS-PRIMAS PORTUGUESAS

reproduzidas em *fac-simile* das I.^{as} edições pela

«REVISTA DE PORTUGAL»

I — «OS LUSÍADAS» de LUÍS DE CAMÕES

Com Prefácio e Notas de Cláudio Basto

1 volume brochado — 40\$00. Encadernado — 55\$00

II — «OS ÚLTIMOS FINS DO HOMEM»

PELO P.^o MANUEL BERNARDES

COM PREFACIO E NOTAS DE VIEIRA DE ALMEIDA
E ESBOÇO BIO-BIBLIOGRÁFICO POR BARBOSA MACHADO

Edição de 600 exemplares numerados de 1 a 600

Em brochura — 240\$00

N.^{os} 1 a 100 — Todos impressos em papel offset

Em folhas — 260\$00. Com encadernação inteira de pele — 350\$00

III — «CANCIONEIRO DA BIBLIOTECA NACIONAL»

(ANTIGO COLOCCI-BRANCUTI)

Leitura, Comentários e Glossário por Elza Paxeco Machado
e José Pedro Machado

1.^a edição integral, em tomos de 80 páginas de composição tipográfica e 16 de reprodução do Ms. — Assinatura de cada 5 tomos, a partir do 11.^o, edição comum — 125\$00. Edição especial — 225\$00.

Volume I, 408 pág. mais 80 de *fac-simile* — 150\$00 e 250\$00

Volume II — A concluir



NOTAS DE ARTE

Por **DIOGO DE MACEDO**

APENAS UM QUEIXUME Uma das causas de falta de informações na História da Nossa Arte, que neste meio século último tanto preocupa os estudiosos e investigadores que juntam documentos, testemunhos e processos para a organizarem, foi aquela indiferença dos cronistas antigos que se esqueceram de relatar as autorias das obras de Arte realizadas em seus tempos e até de citar essas obras de Arte. Supondo mesmo que as obras de Pintura e Escultura eram fabricadas em oficinas sob a orientação de determinados Mestres e empreiteiros, autores ou não dos riscos e das concepções, seria natural que arquivassem o nome desses chefes e o dos seus principais colaboradores, começando pelo dos inventores das obras e muito especialmente dissessem quais foram essas obras e qual o seu destino. É certo que algumas vezes informaram a respeito dos encomendantes delas, dos intermediários pagadores e das férias desses oficiais, misturando alhos com bugalhos, architectos com lavrantes, capatazes com moços, e de tal modo que a confusão emparelha com a ignorância. Quando muito, contaram dos mestres-de-obras architectos, empreiteiros por excelência dos trabalhos totais, como hoje fariam dos construtores engenheiros, citando nomes de mestres às ordens reais, de infantes ou de prelados, de obras civis, militares ou monásticas, muitas vezes apenas executantes práticos e protegidos, da criação de Artistas alheios a esses privilégios políticos ou sociais. Os mestres de imagens, os feitores de retábulos, os riscadores dos ornamentos, é que, ou por serem assalariados ou venderem àqueles o fruto do seu génio, ficaram fora do rol das tarefas na construção e a maior parte das vezes ignorados, sem a categoria para esses cronistas deles se ocuparem, como de gente indigna de ser louvada ou sequer citada. Eram Artistas, canalha que vivia de inventos secundários em relação às fábricas grandes, que a sua vista enxergava pelos grandes volumes e pelas festividades que lá havia, relatadas sempre com cuidadosa minúcia.

O nome dos esculptores que compuseram, desenharam e esculpiram, por exemplo, o portal majestoso da Igreja da Batalha, ficou sem arquivo! Os autores da maior parte das tábuas que se pintaram nos Séculos XV e XVI, também ficaram anónimos! O lugar das oficinas e o destino desses painéis, só raramente foram elucidados,

ficando a deduições e fantasias futuras o esclarecimento problemático, lógico ou confuso, dessa história! Todavia, muita miuçalha a que essas obras de Arte assistiram, ficou bem contada, com louvores e citações dos dirigentes.

Ora chegam a parecer heresia certos esquecimentos, as indiferenças ou as ignorâncias, as invejas ou a incultura, a falta de vibração sentimental ou — quem sabe! — a obediência a mandatos superiores por motivos incompreensíveis, que aqueles cronistas adoptaram para não arquivarem o nome dos escultores que lavraram os sepulcros Reais de Alcobaça ou a história e a autoria do maravilhoso Políptico que atribuímos a Nuno Gonçalves. Parece incrível que esses cronistas não tivessem sabido, nem nunca tivessem tido a curiosidade de se informarem, de quem esculpiu aqueles majestosos monumentos tumulares, para mais depositários de ossos régios, duma lenda ou dum romance de Amor e dum facto altamente importante na política da primeira dinastia! É inacreditável que o aparecimento da outra obra-prima, o múltiplo painel duma evocação cristã ligada à História da segunda dinastia, para cúmulo documentando a iconografia de príncipes, guerreiros, prelados e marinheiros a par de donas de prima estirpe, orando em redor de diáconos santos, viesse até nós sem que os cronistas soubessem desses painéis, nem pelo espanto ou dever de próprio ofício, se informassem e gravassem o nome de quem os idealizou e pintou, aclarando assim o milagre da aparição, para mais, documento histórico de facto deveras importante que eles omitiram!

A insensibilidade desses cronistas chega a parecer intencional. A heresia do descuido chega a parecer ordenada. E se houve acto de vandalismo de lesa-História, fazendo desaparecer a documentação dos factos, então o crime foi muito maior. Não obstante, pelo quanto muito posteriormente tem acontecido não com cronistas limitados, mas com historiadores e letrados cultores dos relatos de outros esplendores passados, quase estamos em crer que a Arte não comove os Escritores, salvo em especulações puramente intelectuais, porque a sensibilidade destes condensou-se-lhes nos miolos, não tendo contacto com os olhos, com o coração, nem vibração de qualquer outra espécie senão através do entendimento e do raciocínio, tanta vez contrário e prejudicial à sensação pura, sentimental e humana, isto é, natural, que explica a receptibilidade espontânea e essencial da obra de Arte, primeiro no entusiasmo físico do espectador, depois no espírito e por fim em todo o ser do apaixonado que ama na totalidade. Quando o Escritor é cerebral, não é sensível; a Arte, por conseguinte, é para ele uma leitura que decifra, que quer compreender e precisa de lhe ser explicada, não a sentindo, não a possuindo pela sensação e quedando, por culpa de insuficiência orgânica, alheio a ela, falho dum sentido humano que o inferioriza.

Júlio de Castilho, exagerado ou não, mas dotado de poderes admirativos sem restrições, queixando-se de Barbosa Machado, escreveu: «Sestro desgraçado dos nossos Escritores antigos: nunca os cultores das Belas Artes lhes devem atenção! Contam espadeiradas, espriam-se na narração de bodas Reais, e resvalam aquelas penas

eruditas sobre matéria de tanto interesse, como a descrição dum templo nacional, ou dum quadro nacional! Lembram-se de algum brigão sota-piloto de caravela, e atiram para o esquecimento os Mestres mais insignes da Arte portuguesa! que lho agradeça a História».

Isto foi ontem. Hoje é o mesmo, com mais pretensões.

UMA HISTÓRIA Vários restauradores de quadros antigos pas-
A FAZER-SE saram por Lisboa e armaram oficina para
exercerem profissão. Além de técnicos, eram consultados como peritos, identificando com facilidades e fundando confusões, que hoje felizmente estão desfeitas. Um tal Boldrini, italiano, e outro da mesma naturalidade, Tiniranzi, que tinha laboratório no Largo de S. Carlos, retocaram, repintaram, envernizaram velhas tábuas e telas, atribuindo umas a grandes Mestres, que os coleccionadores disputavam, outras a Pintores menos conhecidos, classificando os painéis *góticos*, distribuindo os mais modernos, numa gratuidade de informações e arrumações, que foi um louvar a Deus. Por sua vez os eruditos e os investigadores, os críticos e os historiadores seguiram-lhes o exemplo, e o próprio Raczkinski foi-lhes nas correntes. Quem folhear os antigos catálogos das nossas colecções mais celebradas fica pasmado com as obras dos génios mundiais que esses catálogos lhes atribuíam. Só havia obras-primas e nomes de alta categoria. Infelizmente quase tudo era fantasia. Pelas mãos do restaurador Nunes Prieto passaram outras tantas maravilhas de ilusão, mas este prudentemente não autenticava. Contentava-se em limpar, renovar algum bocadito, remendar e entretelar. Luciano Freire foi desta escola; e a escola entre nós apurou-se, moderando-se processos, acautelando-se originaes e usando-se de tino nas peritagens. O Século XX nestas actividades tem sido prudente, consciencioso e menos sabichão, embora as novas ciências de investigação na especialidade e as de sondagens e restauração tenham ajudado os técnicos a perfeições. Todavia o vício da atribuição ainda não foi curado de todo. A moléstia ficou no sangue, na educação e na vaidade da Raça, ao ponto de rapazes de vinte anos a terem à mostra, assim como o espírito de arqueólogos, discutindo velharias e não apreciando a Arte do seu tempo.

Quando se fundaram as Academias e se juntaram nas sedes destas os quadros dos conventos, os Académicos Agregados foram incumbidos de os restaurar. O mesmo aconteceu com os engenheiros que se encarregaram dos Monumentos Nacionais. Os Mouzinhos e os Fusquinis consolaram-se nas reconstituições, nas invenções e nas substituições da escultura original por cópias e fantasias. As tempestades e as tropas forneceram-lhes motivos fartos para essa actividade. Até que um dia o bom senso sustou o desvario. Os mercadores e os coleccionadores, que tinham formado praga, viram diminuir-lhes os proventos. Destas maleitas, porém, ainda algumas febres ficaram, que atacam moços e gente de educação, por vício e jeito que só as leis de polícia, uma campanha de verdadeira cul-

tura em favor das obras de Arte e o respeito que a Arte deve merecer em povos civilizados, um dia curarão de vez essas daninhas freimas e pretensões dos nossos patrícios.

Seria curioso o exame e a história dos restauros em obras de Arte, Pintura, Architectura e Escultura, assim como de tanta sabedoria e tantas vocações nas identificações e espertezas. Compete aos estudantes ainda não contagiados desses próprios males tal empreendimento, para ajuda desta cura que o Estado devia iniciar com multas e brigadas de polícia, mas sobretudo, de polícia moral, porque a dos costumes está de acordo com os gerais, que é quanto condenamos. Prémios contra os abusos! Prémios contra os vícios! Prémios ao bom senso! Mas cuidado com os curandeiros deste, não vá sair pior a emenda do que a minguá de consciência.

GIL VICENTE TROVADOR — MESTRE DA BALANÇA

VIDA E OBRAS DE GIL VICENTE

por ANSELMO BRAAMCAMP FREIRE

2.ª edição com 19 estampas fora do texto

A MAIS NOTÁVEL OBRA ATÉ HOJE PUBLICADA SOBRE O GENIAL
FUNDADOR DO TEATRO PORTUGUÊS

1 VOLUME DE 634 PÁGINAS — 80\$00 (últimos exemplares)

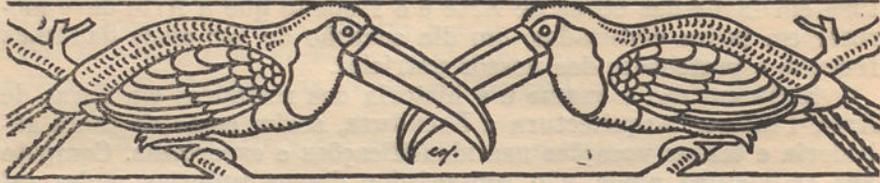
— EDIÇÃO DA REVISTA «OCIDENTE» —

OBRAS DE DIOGO DE MACEDO

EDITADAS PELA REVISTA 'OCIDENTE'

'ALGUMAS OBRAS DE ARTE PORTUGUESA' — Álbum n.º 1, com 32 estampas, últimos exemplares	50\$00
'SOARES DOS REIS' — com 25 ilustrações — 1 volume de 128 páginas	15\$00
'JOÃO JOSÉ DE AGUIAR' — com 18 ilustrações — 1 volume de 96 páginas	15\$00
'A ESCULTURA EM PORTUGAL NOS SÉCULOS XVII E XVIII' — com 50 ilustrações — 1 volume de 136 páginas —	40\$00 e 60\$00

A REVISTA MENSAL 'OCIDENTE' FUNDADA EM 1933 POR
ÁLVARO PINTO JÁ COMPLETOU 38 VOLUMES COM MAIS DE 15.000
PÁGINAS DE LEITURA SÉRIA E 900 ILUSTRAÇÕES. / EXISTE UMA
PEQUENA QUANTIDADE DE COLECÇÕES COMPLETAS: 38 VOLUMES
ENCADERNADOS COM CAPAS DE PANO AZUL POR 3.250\$00.



CONSULTÓRIO LINGUÍSTICO

Por AUGUSTO MORENO

1) E em que consiste a *regência* sintáctica? — A. B. M.

R. — Segundo Carlos Góis, um dos grandes Mestres brasileiros da nossa sintaxe, e cujas doutrinas eu aqui tenho divulgado em resumo, — «no estabelecimento e observância das *relações de determinação* que entre si mantêm as diversas partes do discurso».

A *regência*, que é a base da hierarquia vocabular, o que vale tanto como dizer que é a base da disciplina gramatical, ensina a dar às palavras os complementos que elas pedem em razão do seu significado, e nomeadamente por meio de que preposições se lhes devem dar.

Entre as diversas categorias de palavras, estabelece ela graduações diferenciais, porquanto as agrupa em dois grandes campos representativos: um, o das palavras *regentes*, daquelas que figuram em primeiro plano, como palavras de alta estirpe que na frase se entronizam; outro, o das palavras *regidas*, daquelas que figuram em segundo plano, como humildes que são e que às primeiras se subordinam na qualidade de suas servas ou ancilas, em todo caso muito prestimosas.

As *regentes* pertencem ao patriciado léxico: ocupam os cimos do discurso, donde presidem e esplendem.

As *regidas*, essas constituem a plebe vocabular: ficam no rés-do-chão da frase ou do período, onde, embora apagadamente, desempenham importante papel modificador.

No discurso, vivem as palavras em sociedade.

Ora, assim como em todo o agrupamento de indivíduos se originam relações, se criam deveres recíprocos, se estabelecem vínculos, de cuja manutenção depende o equilíbrio colectivo e a vida funcional do organismo social, nela reside esse admirável espírito de ordem e coesão que trava entre si as palavras, erigindo-as em orações e a estas em períodos, assim como reside a matéria de que o cimento da frase se plasma, e o fogo sagrado, a centelha divina que à mesma insufla a alma que a anima e a vida que nela estua.

E nesta construção, a *regência* é, por assim dizer, o regimento interno, o estatuto magno, a força reguladora e centrípeta que dá ordem, vida interior, movimento, aspecto e graça ao organismo vocabular.

Por um assenso tradicional e consuetudinário, de que a Gramática é apenas o registo; por uma intuição reflexa, espécie de instinto de conservação da Língua; por uma unidade de vistas e conformidade geral bem estabelecida, nela reside esse admirável espírito de ordem e coesão que trava entre si as palavras, erigindo-as em orações e a estas em períodos, assim como reside a matéria de que o cimento da frase se plasma, e o fogo sagrado, a centelha divina que à mesma insufla a alma que a anima e a vida que nela estua.

É também à *regência* que havemos de ir procurar o senso, a gravidade, a ténpera, o carácter do discurso, porque nada disso nele existiria, se a presidir ao mesmo não houvera esse princípio regulador, coordenador, normativo, que indica e impõe às palavras o lugar onde elas hão-de sentar-se na assembleia das ideias, a hierarquia que umas às outras hão-de reconhecer-se, o respeito e o acatamento que entre si hão-de guardar-se.

Em cada uma das diversas Línguas, há um espírito, uma psiquia especial, que é costume chamar o «génio dessa Língua».

Esse «génio» manifesta-se em cada qual não só por uma certa ordem,

por um certo estilo, na disposição e arranjo sintáctico das palavras, e que lhe constitui a vernaculidade característica, mas também, em determinadas emergências, por umas certas rebeldias, perante as quais a Gramática conservadora se queda umas vezes alarmada, deitando as mãos à cabeça, e outras vezes perplexa, sem saber o que há-de fazer!

Mas por ele, que se fundamenta afinal e essencialmente na regência, se explicam pequenas deformações, que a mesma gramática, por eufemismo, chama «idiotismos», «sínquises», «anacolutos», «anomalias ou irregularidades», enfim de diversa ordem, e que, se por um lado desalinham a estrutura fraseológica e lhe dobram o aprumo e hirteza construtiva que por fora lhe espartilha e por dentro lhe constringe as formas plásticas, por outro a compensa bem, imprimindo-lhe a graça elegante e o imprevisito airoso das atitudes.

Como por ele se explicam também certas audácias e caprichos, que parecem irreverentes, e em que a fantasia e a espontaneidade levam de vencida a craveira rígida e comum dos estalões ortodoxos.

Não é por outro motivo que os grandes Escritores se nos apresentam cada vez mais libertos de peias entorpecedoras e que a Gramática tem de reformar-se, e reformar-se em sentido profundamente revolucionário.

Sobre a *regência*, tal como se encontra hoje estabelecida e sobre os princípios em que lhe assenta a identificação, façamos mais algumas considerações doutrinaárias e oportunas.



Sabido em que consiste a *regência gramatical*, recordemos que, consideradas quanto à *determinação*, as palavras se dizem:

- a) de sentido *intransitivo* ou *absoluto*;
- b) de sentido *transitivo* ou *relativo*.

Palavras de sentido *intransitivo* ou *absoluto* são aquelas que a si mesmas se bastam e que por isso não exigem outras que lhes completem o sentido.

E palavras de sentido *transitivo* ou *relativo* são aquelas que por si sós não formam sentido completo e que por isso exigem outras que lho inteirem. São palavras da primeira categoria:

- a) os verbos intransitivos de significação definida, como *brilhar, amanhecer, chover*, etc.;
- b) os adjectivos que exprimem qualidade absoluta, como *branco, bom, seguro*, etc.;
- c) os substantivos comuns expressos em sua generalidade abstracta, como *brancura, bondade, segurança*, etc.;

E são palavras da segunda categoria:

- a) os verbos transitivos, como *dar, pedir, querer, construir*, etc.;
- b) os verbos intransitivos de ligação e de significação indefinida, como *ser, estar, parecer, ficar*, etc.;
- c) os adjectivos que exprimem qualidade não absoluta, como *atinente, concernente, destinado, votado*, etc.;
- d) os substantivos de significação relativa, tais como *dedicação, obediência, aversão, horror*, etc.

É objecto da sintaxe de regência sobretudo a *relação de subordinação* dos termos fraseológicos uns aos outros, e nomeadamente a indicada pelas *preposições*, em que costuma esbarrar-se e estatelar-se a maioria dos plúmitivos incipientes.

A *regência* divide-se em *regular* e *irregular*.

É *regular* a que se opera *formal* e *expressamente*, tomadas as palavras em sentido *próprio*.

É *irregular* a que se opera *figuradamente*, tomadas as palavras em sentido *acomodatício* ou *tropológico*.

Na *regência regular*, a língua obedece:

- 1.º — à influência erudita;
- 2.º — às forças conservadoras;
- 3.º — ao suplemento literal nas relações entre as palavras.

Na *regência irregular*, a língua subordina-se:

- 1.º — às impulsões do seu próprio génio e temperamento, — causa dos «idiotismos», «sínquises», «anacolutos» e em geral, «anomalias gramaticais» de diversa ordem;
- 2.º — à tendência inovadora ou corrente evolucionista;
- 3.º — ao suplemento lógico ou semiótico, — causa de «elipses», «reduções», «atracções», etc., etc.

De maneira que aquilo que na *regência regular* a frase perde em sobriedade, aprumo e rigidez, ganha-o na *irregular* em graça, elasticidade, imprevisto e desenvoltura.

O que naquela imprime à fala e à escrita plasticidade enchumada e nobreza hierática, permite-lhes nesta ampla liberdade de movimentos, desonerando-as de peias gramaticais e desnudando à língua o génio e temperamento com que ela espelnde em plena e saborosa vernaculidade.



Neste capítulo da Sintaxe, já ficou dito que as palavras se repartem por dois grandes grupos representativos: o das *regentes* e o das *regidas*.

Entre um e outro, devemos igualmente considerar o das palavras *conectivas* ou *conjuntivas*.

Palavras *regentes* (que também se dizem *subordinantes* ou *modificadas*) são as que exigem outras que as determinem.

Palavras *regidas* (que igualmente se dizem *subordinadas* ou *modificadoras*) são aquelas cuja função é determinar as outras.

As palavras *conectivas* ou *conjuntivas* são as que ligam as *regidas* às *regentes*.

São palavras do primeiro grupo:

- a) o sujeito em relação ao verbo;
- b) o verbo de significação incompleta em relação ao seu complemento;
- c) o verbo na voz passiva em relação ao seu complemento agente;
- d) o substantivo em relação ao adjetivo;
- e) o verbo e o adjetivo em relação ao advérbio;
- f) o advérbio em relação a outro advérbio reclamado;
- g) a palavra de significação relativa em relação ao seu complemento terminativo.

São palavras do segundo grupo (em inversão com as do anterior):

- a) o verbo em relação ao sujeito;
- b) o complemento em relação ao verbo de significação incompleta;
- c) o complemento agente em relação ao verbo na voz passiva;
- d) o advérbio em relação ao verbo, ao adjetivo e a outro advérbio que o reclame;
- f) o complemento terminativo em relação à palavra de significação relativa que o peça.

Obs. — Uma mesma palavra pode ao mesmo tempo ser *regente* e *regida*. Assim: o verbo é termo *regente* em relação ao seu complemento, e *regido* em relação ao sujeito; o adjetivo é termo *regente* em relação ao advérbio e *regido* em relação ao substantivo.

São palavras *conectivas* ou *conjuntivas* de carácter regencial:

- a) a *preposição* ou qualquer palavra que acidentalmente funcione como ela;
- b) a *conjunção subordinativa*;

c) os *pronomes e advérbios relativos* e às vezes também os *interrogativos*;

d) os verbos de *ligação* ou *copulativos* (*ser, estar, parecer, ficar, etc.*), que têm a propriedade singular de servirem de liame entre o sujeito e o seu nome predicativo.

A *preposição* é um conectivo *intervocabular*; a *conjunção subordinativa*, um conectivo *interproposicional*. Frequentes vezes, porém, um dos conectivos invade o terreno do outro.

Obs. — Há um quinto meio de conexão regencial, que nada tem de morfológico, porquanto é meramente semiótico: é o da *justaposição*, meio supletório da elipse da preposição, como se vê, por exemplo, em *filho-família*, por *filho DE família*, e em *escola-modelo*, por *escola PARA modelo*, e a que também já o latim recorria na falta de conectivo preposicional, o que nos é atestado por expressões como *genu-flectere, ex-inde, etc.*

Do que fica dito, podem formular-se as seguintes três leis fundamentais da regência:

1.^a — A *regência* baseia-se na *relação de determinação* do termo regido ao regente.

2.^a — O termo regido subordina-se à natureza do termo regente.

3.^a — São os termos regidos que se adaptam aos regentes, e não estes a aqueles.

Porto — Rua da Maternidade, 80.

Não se consentem grafias duplas ou facultativas. Cada palavra da Língua Portuguesa terá uma grafia única. Não se consideram grafias duplas as variantes fonéticas e morfológicas de uma mesma palavra. (Do Acordo ortográfico luso-brasileiro, de 10-VIII-1945).

ADQUIRA O 'CANCIONEIRO DA BIBLIOTECA NACIONAL' — ANTIGO COLOCCI-BRANCUTI, DE QUE JÁ FOI PUBLICADO O VOLUME I (408 + 80 PÁGINAS DE FAC-SIMILE) PELA 'REVISTA DE PORTUGAL' EDIÇÃO COMUM — 150\$00; EDIÇÃO ESPECIAL — 250\$00

OBRAS DE EZEQUIEL DE CAMPOS

editadas pela revista 'OCIDENTE'

'O ENQUADRAMENTO GEO-ECONÓMICO DA POPULAÇÃO PORTUGUESA' — 1 volume de 312 páginas com numerosos mapas e gráficos (2. ^a edição)	50\$00
'PROBLEMAS FUNDAMENTAIS PORTUGUESES' — 1 volume de 232 páginas, com bastantes mapas e gráficos	30\$00



BIBLIOGRAFIA

LIVROS PORTUGUESES — XVI

VERSO

— Toda a Poesia é subjectiva... — começou dizendo o meu amigo Filósofo.

— É verdade (cortei imediatamente). Mas com a mesma verdade se deve dizer: Toda a Poesia é objectiva.

— Desse modo ela teria por base uma combinação, muito variável, da subjectividade essencial do Poeta com a objectividade, mais ou menos definida, perante a qual reagiu. Talvez seja essa a verdade, mas precisa de explicação.

— É a verdade mas ainda incompleta. Toda a Poesia verdadeira exprime directamente um estado subjectivo. Toda ela narra um acontecimento, sem o qual (passado ou presente, sonhado ou vivido, próprio ou alheio, fantástico ou real) aquele momento subjectivo se não definiria e que, no fundo, é conflito (quebrados o silêncio e a quietação) entre a Alma do Poeta e qualquer coisa de toda a Vida, interior e exterior, favorável ou adversa, natural e sobrenatural, transitória ou eterna.

Por este conflito, ainda que inexpresso, toda a Poesia é também dramática. Melhor dizendo, em toda a Poesia verdadeira há, em proporções infinitamente variáveis, ao mesmo tempo Lirismo, Epopeia e Drama.

— Essa afirmação (tornou o Filósofo, meu amigo) leva a recusar toda e qualquer divisão da Poesia em géneros, porque a Poesia é uma só, ou a multiplicar-lhes o número, quase sem limites.

Verdade seja que um lúcido espírito de Filósofo e Crítico da Literatura, o Professor alemão...

— Inútil invocar autoridades. Raciocinemos por nós próprios.

A realidade e a presença constante desses três elementos da Poesia: subjectividade, objectividade e seu conflito — é o que justifica a divisão da Poesia em Lírica, Épica e Dramática, segundo o predomínio de cada um desses elementos verdadeiros e essenciais no Poema. Justificam-na muito melhor do que a finalidade íntima da Obra, o intuito de cantar o que foi sentido, narrar o que aconteceu ou representar o drama vivido. Muito mais e muito melhor do que a finalidade exterior, do *canto*, da *narração* ou da *representação*. Porque essa finalidade exterior pode contrariar a verdadeira natureza do que foi criado, o seu íntimo profundo, e às vezes não consciente, o verdadeiro predomínio do elemento que caracteriza a unidade perfeita e tríplice. É, no entanto, uma boa confirmação do que impõe a vida interna da Poesia esta divisão, exactamente igual, que resulta do seu destino exterior; — cantar-se o Poeta, narrar alguma coisa ou representar o que necessariamente viveu (em sonho que seja, e interiormente, as mais das vezes) de modo a poder ser visto (o que não quer dizer sempre com a visão exterior e teatral) como por ele foi vivido.

A Poesia é uma, sim, mas o predomínio de um dos elementos essenciais, que são a sua realidade última e a explicação do rompimento do silêncio pela palavra poética, determina a sua única divisão natural, em Poesia Lírica, Épica e Dramática. Em verso ou em prosa mas, neste caso, necessariamente prosa poética. E porque as combinações desses três elementos são

inúmeras, variando, não de Poeta para Poeta mas de Poema para Poema, outras divisões em géneros, não sendo inúteis (porque muitas o são, e até, mesmo, prejudiciais) somente servem para as esclarecer e estabelecem apenas parciais aspectos das três grandes e naturais divisões da Poesia e a confirmam.

— Talvez tenha razão. E embora só me contentasse um Livro inteiro, analisando e explicando melhor este problema, dou-me por esclarecido. Mas as dificuldades continuam. E era uma delas que eu queria focar, dizendo subjectiva toda a Poesia, como início de resposta a uma afirmação da sua anterior nota critica sobre o fraco poder de comunicação da Poesia Lírica extreme. Não creio que tenha sido esse o motivo por que me não foi comunicável um Lirismo que você afirma extreme e, de certo modo, por isso, limitado. A intensidade no Lirismo aumenta o poder de comunicação. Outros motivos houve, certamente, para a minha reacção de recusa perante esses Poemas.

— Outros houve e os indiquei. Mas aquele bastava e existiu.

É certo, a intensidade no Lirismo aumenta o poder de comunicação. Mas a sua exclusividade, sendo possível, o anularia por completo. De onde pode concluir-se que uma Poesia de Lirismo quase exclusivo (porque, a bem dizer, exclusivo seria impossível) e por isso limitada, uma Poesia de Lirismo extreme (mas ainda não o que é incomunicável porque somente individual) não tem eco profundo no coração e no espírito dos outros homens e principalmente naqueles que mais alto colocam a Poesia e melhor a entendem.

Qualquer pessoa pode comover-se com um grito ou um ai alheios. Só os homens superiores lhes procuram o sentido. Só eles exigem a comunicação de mais alguma coisa em quem chora, ou ri, clama ou canta e se exprime através da matéria verbal e recriando-a na Poesia. Qualquer Poema de Lirismo extreme pode ser sentido por um inferior, com base numa natural simpatia (que não significa igualdade no talento) e aceite durante uma época, mais ou menos longa, por um público em íntima comunhão com os sentimentos existentes, sem mais, nesse Poema. O homem culto e superior exige muito mais, — a definição da Alma do Poeta e do Mundo em que ela se afirma e do conflito entre ambos produzido. E muito mais ainda, a elevação que tudo isto à categoria de mensagem de um pensamento poético e à beleza perfeita que lhe deve corresponder.

Um homem culto e superior, para aceitar e viver a comunicação de um Poeta, exige, ainda que não o saiba, a presença, nas proporções exactas requeridas por cada Poema, seu motivo, tema, sentimento e aspiração, do tríplice elemento que constitui a unidade perfeita da Poesia.

O inferior aceita, obrigado pela moda ou por ela compelido, ou por mera natureza e fácil satisfação, as formas incompletas da Poesia e até mesmo aquelas formas literárias que, por exclusivismo absoluto de um dos seus elementos, deixam de ser Poesia. Porque há essas formas que, exagerando uma das qualidades necessárias à Poesia, caem na absoluta inferioridade.

Exagerou-se o dramatismo e cafu-se no Melodrama. Exagerou-se o elemento narrativo e desceu-se à frieza impessoal de certos Poemas Históricos ou Didácticos. Exagera-se agora o Lirismo e baixou-se ao inexpresso e incomunicável. O motivo é bastante, parece-me, para a geral recusa de todos os homens superiores ante as muito comuns Obras que deixaram de ser Poesia, embora seja Poeta o Autor. Discutiremos, em outro momento, a amarga realidade, tão prejudicial para a Cultura, da constante diminuição do número de verdadeiros leitores da Poesia, diminuição paradoxalmente acontecida quando a Poesia Portuguesa se manifesta mais profunda, mais rica e mais bela do que nunca.

Talvez seja por isto, principalmente, que escrevo estas Notas Críticas, no desejo de fazer sentir a verdadeira Poesia (em verso ou em prosa), mesmo quando escondida, e lutando para que ela atinja toda a grandeza possível e a compreendam e sintam melhor quantos são dignos de a ler.

E por isto me despeço de si, meu amigo, e vou escrever mais outras breves notas críticas sobre Livros de Poesia.

Em qualquer dos três géneros de Poesia, Lírica, épica ou Dramática, tem de estar presente o Poeta. Primordialmente no que é a mais geral e constante e mais espontânea manifestação da subjectividade — no sentimento. Não alcança a Poesia o que não foi vivido sentimentalmente, com verdade, com adesão do Espírito e da própria Razão, com sinceridade íntegra e profunda.

Sem sentimento não há Poesia, embora ela não seja apenas sentimento. Haverá apenas exercício verbal que só momentaneamente poderá agradar, pela surpresa, o ineditismo, o *fingimento* do que a breve trecho se revelará de nenhum valor humano. A Poesia exige, antes de mais nada, a sinceridade profunda e alta de sentimento. Acontece, porém, que sentir pessoalmente, com verdade e sinceridade, não é coisa vulgar, ao contrário do que poderá parecer. E não só pela muito natural comunhão basilar dos sentimentos humanos, apenas diferenciada, mais ou menos profundamente, segundo as Épocas e as Raças. Não só por isso mas também, e já prejudicialmente, porque para o sentimento há *modas*, opressivas influências, restrições que contrariam a sua natureza pessoal.

Entre os muitos exemplos que em toda a Literatura e em toda a Arte se podem colher, não seriam dos menos significativos os da Poesia Feminina, muito abundante em nossa Época. Quantas naturezas simples se afirmam Princesas Exiladas! Quantas Senhoras honestas se nos declaram (nos Poemas) terríveis bacantes! Quantas fingem o que não viveram ou temem dizer o que viveram e quão poucas nos sabem dar a verdadeira Poesia de um sentimento feminino!

É por isto de uma grande alegria encontrarmos verdadeiros Poemas de Mulher como são todos os melhores Poemas do livro de:

MARIA DO CARVALHAL — '*Canto Agreste*' — Poemas — Portugália Editora — Lisboa — 1950.

Não se revela, infelizmente, em todo o Livro, esse primordial e tão raro e alto valor de um sentimento vivido. Mas os seus bons Poemas, mais de metade num conjunto que, por falta de rigor na escolha, ficou imperfeito, e particularmente os melhores dentre eles, ordenáveis num belo Poema de Amor, revelam-nos uma Alma feminina e, o que não é para menosprezar, com nobreza, além da sinceridade estrutural.

Há neste Livro composições sem nenhum valor, não vividas e não realizadas. Dou para exemplo a pior de todas, as seis linhas que se intitulam «Espanha» (com o indispensável Manote!) que não parecem de quem escreveu tanta coisa bela.

Há composições que apenas propõem os Poemas possíveis, como que constituindo as suas primeiras estrofes (no entanto, por vezes, boas, qual essa intitulada «As Coisas») e, embora sinceras, não bastante vividas e não realizadas.

Mas isto apenas foi referido para melhor fazer ressaltar a qualidade e o valor real de outros Poemas verdadeiros e perfeitos e o motivo natural que tanto os elevou, um sentimento pessoal, vivido sincera e profundamente, e expresso com igual sinceridade. Disse Poemas e talvez melhor pudesse dizer um só *Poema*, no qual naturalmente eles se ordenam, com perfeita sequência. Esse *Poema*, assim constituído, e das restantes composições isolado, daria desde já outra e mais alta categoria à Poetisa Maria do Carvalhal.

Vejo-o naturalmente formado por quinze das trinta e três composições do Livro, mas a sua perfeita ordem, devido à riqueza dos seus motivos, que exigiam maior extensão do Poema, apenas a Autora poderia dar-lha.

Inicia-se o *Poema* com o intenso e padecido sentimento da solidão; prossegue, após o encontro do amor, na exaltação da Vida e sua dádiva; conclui atingindo a perfeição de uma ternura apaixonada e redentora, quase maternal.

Termina, deste modo, o Poema (e finda, por natural inspiração, todo o Livro em que ele foi disperso) pela Poesia «O Pecado», de uma originalidade e grandeza de sentimento, pessoal e nobre, que lhe conferem o direito de perdurar.

Mas não são de esquecer certos outros *momentos* daquele total e uno Poema de Amor, especialmente os que no Livro se intitulam «Ressurgimento»; «Luta»; «Além» e «Riqueza».

Poemas sinceros, vívidos e nobres, de Mulher e de Poetisa que apenas tem de ser mais rigorosa para consigo própria na escolha do que publica, se não puder ser (como desejo e espero) mais constante na altura por vezes atingida.

A qualidade basilar de um Livro de Poesia — a existência de um sentimento pessoal, sincero e verdadeiro, é também para a Crítica a mais segura das indicações. Só ela nos permite, muitas vezes, reconhecer, num Livro sem qualidade artística perdurável, a presença de um Poeta. Esta se revelará através das imperfeições, o que não significa as possamos aceitar.

Quando se trata do Livro de um Poeta novo deve ser essa qualidade basilar o que principalmente procuremos reconhecer. Porque a perfeição, sempre exigível, pode ser falsa e enganosa, feita de hábil pasticho, ou de quase inconsciente reprodução do que outrem fez perfeito, após uma longa luta consigo próprio, no trabalho de arte verdadeira, e por necessidade íntima que de pessoal sentimento provém.

Muitos Livros de Novos houve e haverá, sempre, que não passam de ecos do gosto (bom ou mau) da Época em que são feitos e produtos de uma simples veledade juvenil, ou, o que é pior, de uma habilidade que apressa, força e, por fim, destrói o talento verdadeiro. Mas, ao contrário disto, também sempre houve e haverá livros de Novos que, embora ainda imperfeitos na realização e ainda não libertos de influências, necessárias e benéficas, aliás, numa fase de formação, nos revelam autênticos Poetas.

Se é grande o seu poder poético, desde logo, e, se não em todas, em parte das suas composições se revelará, assimilando e transformando as influências, criando, afinal, Poesia verdadeira e própria.

Pode mesmo a Obra futura não corresponder a essa grandeza. Porque, se o Poeta *nasce*, a sua carreira é uma conquista de todos os dias, uma elevação trabalhosa, um fazer-se a si próprio e um criar que exigem a máxima ambição e a mais pura humildade. E muitos param a meio do caminho. E alguns retrocedem e se abandonam, por desânimo ou a invencível opressão do quotidiano, e de uma vida social adversa às criações do Espírito.

Por isto mesmo, sempre que surge um verdadeiro Poeta novo de superior poder, com a nossa alegria se mistura a angústia da esperança, que não queremos ver desfeita, de um alto destino cumprido.

Esta esperança, muito firme, e, apesar de tudo, também esta angústia, que é ainda maior homenagem, me foram dadas por um verdadeiro Livro de Poesia de

SEBASTIÃO DA GAMA — *‘Cabo da Boa Esperança’* — Versos — Portugália Editora — Lisboa — 1947.

Só agora o recebi, para efeito de Crítica Literária, e me foi dado conhecê-lo. O espaço decorrido após a publicação é demasiado longo. Durante ele, por certo, o Poeta evoluiu e confirmou as suas qualidades e percorreu um bom ou mau caminho na sua demanda interior da Poesia perfeita que merece criar. Pode, assim, o Crítico fazer afirmações actualmente contrariadas por nova Obra pronta a publicar. Pode também ser inútil já o incentivo ou descabida a censura. Não importa. Cumpro um dever escrevendo esta crítica e animando à realização perfeita, integral e ambiciosa, num Novo em cujo primeiro Livro reconheço a presença de um grande poder poético. Ele adivinha-se sempre. Mas está, por vezes, oprimido por tendências para um abandono do rigor, indispensável, da Arte, tendências que são as da Época, no que ela tem de superficial, e não as do Poeta. Ainda não liberto, por vezes, de influências, o que não admira nem importaria se elas não fossem muito perigosas e em absoluto contrárias à natural evolução e perfeito florescimento do seu engenho.

Nem o sentimento doentio e lamentoso de António Nobre (o que mais

fácilmente se entendeu deste grande Poeta); nem a transigência com a falsa Poesia social; nem a compressão da Poesia sentenciosa de Fernando Pessoa (nele, por vezes, grande mas sempre inferior em seus discípulos); nenhuma destas influências lhe pode ser benéfica. O Poeta Sebastião da Gama liga-se, talvez sem o saber, ou mesmo sem a conhecer, e por simples mas profunda e muito fecunda influência da evolução literária nacional, a muito mais alta Poesia.

Pode muito naturalmente na sua geração (a de 1950, ao que suponho) continuar essa evolução e realizar-se com plena e muito pessoal grandeza. Não pode ser o Autor de composições sem pensamento próprio e sem verdade, como essa, em tudo inferior, que intitulou «Meu País desgraçado», frase que só pode escrever-se em obediência à moda mais nefasta de uma comum e muito falsa tradição literária. Não deve repetir, embora o faça com Arte, o que foi Poesia reflectida, e sem entusiasmo, de uma grande inteligência mas que se recusou à Vida ou a não podia viver. Deve ser sempre ele próprio, como o foi de verdade nos bons Poemas deste Livro, felizmente a sua maioria. É, principalmente, meditando esses Poemas, que ele se compreenderá e melhor e perfeitamente realizará a grande Poesia a que tem o direito de aspirar.

Alguns desses Poemas são já obra perdurável e bela, perfeita ou quase. Dou um exemplo deste *quase* e seu significado limitativo. O Poema «Largada» diminuiu-se por seu último verso, por completo inútil e amesquinhador. Corte-o; releia o Poema; e verá as perspectivas de grandeza que se abrem.

Mas há Poesias desde já perfeitas: «As Fontes», «Canção Inútil», «O Segredo é amar», «Relatório», «Caravela Perdida». Estas, que constituem o seu *Poema da coragem* compreendida como necessária embora difícil, e todo o seu *Poema de Amor e de Vida*, disperso e não ordenado (também neste Poeta) e de que cito os títulos dos melhores *momentos*: «Canção Matinal»; «Dádiva»; «Lenga-Lenga» (de muito original sentimento e alta vibração); «Enfermeira» (de perfeita e subtil ternura); os melhores, porque sempre que foi pessoal foi grande. Estes Poemas de Amor e também os do seu drama religioso que são verdadeiramente pessoais (porque nesta parte do seu Livro há outros que se diminuem por más influências) e que cito, por isto, expressa e exclusivamente: «Cristo» e «Maré Alta».

Isto quer dizer que, desde já, por três caminhos dos mais fecundos, diversos mas convergentes, o Poeta Sebastião da Gama pôde realizar Poesia perdurável. O que dele exige a altura alcançada num primeiro Livro é muitíssimo. É a coragem, máxima, de lutar para ser grande, para ser sempre maior na Poesia. Para ser inteiramente ele e com absoluta perfeição.

Poeta verdadeiro, Poeta no sentido mais lato da palavra é também, sem dúvida, o que nos revela, na Obra Literária, complementar da principal actividade, e mais alta, de um Pintor, o Livro de:

A. NEVES E SOUSA — '*Mahamba*' — Poesias — Edição do Autor — 1950.

Não sei se a minha afirmação de que a sua actividade principal de Pintor é mais alta, muito mais alta, do que esta agora revelada no seu Livro de versos, agrada a Neves e Sousa. Porque muitas vezes se deseja mais o que, embora natural, não constitui a nossa mais profunda e forte natureza.

O caso do *Violino de Ingres* não é raro entre as verdadeiras e complexas naturezas de Artista. Bom é que o excedente de força tenha outros meios, secundários, de se manifestar. Mas perigoso, e por vezes muito prejudicial, é que eles se imponham ao Artista de modo a absorverem-no demasiadamente. A actividade científica, por exemplo, de tão útil e fecundante influência no pensamento de Leonardo da Vinci, foi-lhe altamente prejudicial, já pela diminuição do número de obras de Arte, que só ele podia criar, já pelo efeito das experiências realizadas nos quadros e que, para nossa desgraça, a alguns aniquilaram.

Uma só das grandes formas de Arte, em suas muito complexas modalidades, é bastante para absorver a Vida e o esforço de um Artista. Se de outras se socorre deve ser apenas para, ainda por esse modo, se estudar e mais en-

grandecer na Arte a que, por dever absoluto e absorvente do seu engenho, tem a obrigação de se dedicar.

Todas as qualidades, verdadeiras e altas, de Poeta, no sentido lato da palavra, as pode realizar na Pintura o Pintor-Poeta A. Neves e Sousa. Direi mais, por quanto dele conheço, está a realizá-las e de forma a ser-lhe exigível a máxima ambição. Toda a Poesia de Angola a poderá exprimir como Pintor. Também como Poeta, no sentido mais próprio da palavra, isto é de Artista que cria com a matéria verbal?

Por quanto nos mostra o seu Livro, e é natural, só muito secundariamente. A Poesia não é menos absorvente e a Arte Poética exige tão longo e sério estudo (mais difícil, porque sem directo ensino) como a Pintura. Infelizmente esta verdade grave anda muito desprezada. E quem longamente se dedica a estudar os meios de se realizar em qualquer outra Arte, plástica ou musical, não considera sequer necessária a preparação para realizar Poesia ou, de um modo geral, qualquer Obra Literária.

Não é este, porventura, o caso de Neves e Sousa. Mas o seu Livro não mostra as qualidades de um Artífice do verbo que seriam necessárias para também deste modo realizar, com igual ou semelhante grandeza, a *poesia* que já nos deu em suas Obras de Artista Pintor.

São do Escultor genial Antoine Bourdelle os seguintes ensinamentos, que transcrevo: «On reconnaît l'artiste à ce qu'il possède les qualités inhérentes à son art». «L'artiste doit aussi posséder tous les moyens techniques de son art, être un *bon ouvrier*. En dehors de cela, il n'y a rien, car avec des qualités considérables il reste creux».

Esta citação levaria a uma injustiça, quanto ao Livro de Neves e Sousa, desde que eu a não corrigisse com a indicação de que também nele, embora secundariamente, há qualidades verdadeiras de Poeta. É, porém, a forma da realização, incerta e imperfeita, o que as destrói quase sempre. E têm muito mais *poesia* realizada os desenhos do Livro do que mesmo os melhores dos seus Poemas.

Mas considerados estes como a Obra complementar de um Pintor, passam a interessar-nos profundamente. Todos os que fixam o pitoresco de Angola; de Luanda, a Cidade vivida em saudosa lembrança; do Sertão, das gentes e costumes, explicam-nos o motivo do alto poder de *poesia* que anima os quadros e desenhos de Neves e Sousa.

Outros Poemas revelam-nos mais directamente o sonho do Pintor, anotado, em forma de verso ou de prosa poética, para que um dia seja a realidade pictural. E estes (mais próximos dos motivos da Poesia verbal) alcançam, por vezes, qualidade própria, a que já se revela em «Massangano», «Muxima — a Igreja» e «Muxima — a Fortaleza». Mas há uma outra espécie de Poemas que mais verdadeiramente o são, embora não, infelizmente, de melhor técnica do verso ou da prosa poética. São aqueles em que diz o seu sonho de amor e a sua esperança de um regresso, unidos o amor e a saudade para se não ferirem mutuamente. Belo, por este sentido profundo, e quase perfeito na sua realização de Poema em prosa, é o Poema intitulado «Quando Voltar». Por ele e por todos os outros, em maioria, que não são o eco de um falso hermetismo, que lhe não é próprio, se justifica este Livro.

Processo profundo e alto de se conhecer a si próprio melhor o Pintor A. Neves e Sousa. Caminho para se realizar mais profundamente na sua verdadeira forma de Arte.

JOÃO DE CASTRO OSÓRIO

LIVROS RECEBIDOS

- 3105 — A. Lopes de Oliveira — 'Como trabalham os nossos escritores' — 232 p. — Editorial Proença — Lisboa — 1950.
 3106 — *Hernâni Cidade* — 'Luís de Camões' — II O Épico — 228 p. — Revista da Faculdade de Letras — Lisboa — 1950.
 3107 — José Leite Monteiro — 'Palácio de S. Lourenço na Cidade do Funchal' — 70 p. e gravuras — Junta Geral do Distrito Autónomo do Funchal — 1950.

- 3108 — *Fran Martins* — 'O Cruzeiro tem cinco estrelas' — 344 p. — Revista Clã — Fortaleza — 1950.
- 3109 — *A do Prado Coelho* — 'Espiritualidade e Arte de Camilo' — 192 p. — Livraria Simões Lopes — Porto — 1950.
- 3110 — *Américo Pires de Lima* — 'Intus et Extra' — 448 p. — Porto — 1950.
- 3111 — *João Patrício* — 'Vilancetes' — 52 p. — Portugália Editora — Lisboa — 1950.
- 3112 — *Alvaro Faria* — 'A Rosa orvalhada' — 48 p. — Rio de Janeiro — 1949.
- 3113 — *Maximiano Augusto Gonçalves* — 'Fabulário' — 120 p. — Livraria Antunes — Rio de Janeiro — 1950.
- 3114 — *Georgeanto d'Avelar* — 'Seteais' — 68 p. — Lisboa — 1949.
- 3115 — *Romeu Correia* — 'Calamento' — 234 p. — Editorial Minerva — Lisboa — 1950.
- 3116 — *António Augusto* — 'Estudos psicotécnicos — Nível intelectual de algumas tribos de Moçambique' — 80 p. — Junta das Missões Geográficas e de Investigações Coloniais — Lisboa — 1949.
- 3117 — *Eduardo Campos* — 'O Anjo' — 30 p. — Fortaleza — 1950.
- 3118 — *C.te Fernando de Quintanilha e Mendonça Dias* — 'Discursos' (1947-1950) — 96 p. — Repartição Central de Estatística e Informação — Goa — 1950.
- 3119 — *Albin Eduard Beau* — 'Goethe e a cultura portuguesa' — 54 p. — Coimbra — 1950.
- 3120 — *Alberto Vieira Braga* — 'Curiosidades de Guimarães — XII — Para as naus da Índia e do Brasil' — 154 p. — Guimarães — 1950.
- 3121 — *Vergílio Ferreira* — 'Mudança' — 196 p. — Portugália Editora — Lisboa — 1950.
- 3122 — *Gastão de Bettencourt* — 'Música, religião dos portugueses' — 40 p. e grav. — Liceu Literário Português — Rio de Janeiro — 1950.
- 3123 — *João Gaspar Simões* — 'Vida e Obra de Fernando Pessoa' — Vol. I — Infância e Adolescência — 312 p. — Livraria Bertrand — Lisboa — 1950.
- 3124 — *Idem* — Vol. II — Maturidade e Morte — 392 p. — Livraria Bertrand — Lisboa — 1950.
- 3125 — 'The Lusiads of Luís de Camões' — tradução e notas de *Leonard Bacon* — 440 p. — The Hispanic Society of America — New York — 1950.
- 3126 — *Hugh Tracey* — 'A música chope — gentes afortunadas' — 247 p. — trad. de M. H. Barradas — separata do Documentário trimestral 'Moçambique' — Lourenço Marques — 1950.
- 3127 — *José Caetano Soares* — 'Macau e a Assistência' — 548 p. — Agência Geral das Colónias — Lisboa — 1950.
- 3128 — *João Baptista Amâncio Gracías* — 'História económico-financeira da Índia Portuguesa' — Vol. I — Agência Geral das Colónias — Lisboa — 1950.
- 3129 — 'Conferência Internacional dos Africanistas Ocidentais' — Vol. I — Junta de Investigações Coloniais — Lisboa — 1950.
- 3130 — 'Bibliografia Hidrológica do Império Português' — pelo *Engenheiro Luís de Meneses Correia Acciaiuoli* — Vol. I — 448 p. — Direcção Geral de Minas e Serviços Geológicos — Lisboa — 1949.
- 3131 — *Idem* — Vol. II — 444 p. — Lisboa — 1949.
- 3132 — *Saraiva Lima* — 'Panorama del toreo en Portugal' — 52 p. — Lisboa — 1950.
- 3133 — *Manuel António Ferreira* — 'Poemas da minha inquietude' — 48 p. — Livraria Cruz — Braga — 1950.
- 3134 — *Alexandre Pinheiro Torres* — 'Novo Génesis' — 160 p. — Colecção Germinal — Porto — 1950.
- 3135 — *Luna de Oliveira* — 'Timor na História de Portugal' — Vol. II — 600 p. — Agência Geral das Colónias — Lisboa — 1950.
- 3136 — *Manuel Lema Monteiro* — 'A raiva, doença comum ao homem e aos animais' — Métodos de combate e profilaxia — 40 p. — Liga Portuguesa de Profilaxia — 1950.

- 3137 — *M. Greaves* — 'Aventuras de Baleeiros' — 216 p. — Horta — 1950.
- 3138 — *Egas Moniz* — 'Conferências médicas e literárias' — IV — 112 p. — Portugália Editora — Lisboa — 1950.
- 3139 — *Diogo de Macedo* — 'Alfredo Keil — Um independente' — 16 p. — N.º 8 — Coleção Museum — 1.ª série — Museu de Arte Contemporânea — Lisboa — 1950.
- 3140 — *Rocha da Torre* — 'O que são os pastos e como são as pastagens do sul do Save' — 26 p. — Junta de Investigações Coloniais — Lisboa — 1950.
- 3141 — *Mary E. Richmond* — 'Diagnóstico social' — trad. de *José A. de Faria* — 460 p. — Instituto Superior de Higiene Dr. Ricardo Jorge — Lisboa — 1950.
- 3142 — *Jaime dos Santos Pinto* — 'Estudos de plâncton, seu interesse científico e económico' — 28 p. e grav. — Junta de Investigações Coloniais — Lisboa — 1950.
- 3143 — *Orlando Ribeiro* — 'Problemas da investigação científica colonial' 24 p. — Junta de Investigações Coloniais — Lisboa — 1950.
- 3144 — *Emerita Marques* — 'Breves considerações sobre plâncton copépodes da Guiné' — 20 p. — Junta de Investigações Coloniais — Lisboa — 1950.
- 3145 — *Sara Manaças* — 'As explorações zoológicas africanas e a batracologia — batráquios da Guiné' — 22 p. — Junta de Investigações Coloniais — Lisboa — 1950.
- 3146 — *Ruy Cinatti Vaz Gomes* — 'Esboço histórico do sândalo no Timor português' — 32 p. e grav. — Junta de Investigações Coloniais — Lisboa — 1950.
- 3147 — *Francisco de Queirós* — 'De gratiae plena — Divagações sobre um tema plástico' — 28 p. — sep. da revista 'Estudos' — Coimbra — 1950.
- 3148 — 'Marcha de Camaradagem da Mocidade Portuguesa' — II — 34 p. — Lisboa — 1950.

SÓ FAREMOS RESENHAS BIBLIOGRÁFICAS DAS OBRAS DE QUE
NOS FOREM ENVIADOS DOIS EXEMPLARES

Aconselhamos a remessa de exemplares para Raul Lima, 'Diário de Notícias', R. da Constituição, 11, Rio de Janeiro. Este jornal, que é hoje o matutino carioca de maior circulação, publica aos Domingos desenvolvida secção de recensões literárias. E a tiragem nesses dias é superior a 120.000 exemplares.

REVISTA DE PORTUGAL

FUNDADA EM 1942

 SÉRIE A — LÍNGUA PORTUGUESA

DIRECTOR — ALVARO PINTO

VOLUMES I A XI (N.º 1 A 55), ENC. EM PANO 100\$00 CADA UM
VOL. XII (N.º 56/60) — 120\$00 ★ VOL. XIII E XIV (N.º 61/70 E 71/80)
— 180\$00 CADA UM — N.º 1/54 — 15\$00 CADA UM ★ 55 E SEGUINTE
— 17\$50 CADA UM — VOL. XV — N.º 81 A 90 — EM PUBLICAÇÃO

HA UM PEQUENO NÚMERO DE COLECÇÕES

— Capas de pano — 20\$00 e 25\$00 cada uma —



NOTAS E COMENTÁRIOS

★ CRÓNICA — Há quatro meses, aqueles fervorosos patriotas que, por si ou seus admirados antecessores, trouxeram o País até à situação alarmante e deprimente que findou em 1926, tiveram novas alegrias quando começaram a ler nos jornais os telegramas anunciando a corrida dos Coreanos do Norte para baixo do paralelo 38. Agora sim. Iriam ver-se livres da... situação portuguesa. Porque a vitória dos aliados da Rússia e da China era infalível e logo a seguir a primeira medida política dos vencedores seria... demitirem o Presidente da República Portuguesa e o seu Governo, entregando a direcção do País aos conspícuos profetas que todas as tardes se reúnem em certos cantos conhecidos para trocarem segredos sobre a marcha das suas previsões. Alguns tinham já elaborado seus planos de vigorosa acção governativa, outros organizavam a lista dos bons empregos e ainda outros, mais violentos e inflexíveis, alfabetavam os nomes dos que haviam de pagar com a vida o atrevimento inqualificável de terem querido salvar a Pátria do vilipêndio e da anarquia. Em 1945, esses mesmos patriotas rejubilaram com a mensagem remetida a Truman, Attlee e Stalin, pedindo-lhes a intervenção em Portugal para que cessasse de vez a tremenda ameaça para a paz e a liberdade do Mundo que representava a Política portuguesa, e, por isso, continuavam coerentes suspirando pelo êxito dos agressores, que, em sua opinião abalizada, *não ameaçava a paz e a liberdade do Mundo*. Felizmente, os Coreanos do Norte foram esmagados e a Coreia vai ser unificada e limpa da monstruosa doutrina que proporcionou durante meses aos Coreanos do Sul os maiores horrores e privações. Em Agosto passado, o Dr. Oliveira Salazar afirmou com a calma e clarividência que fazem das suas palavras verdadeiros postulados: *«É minha firme convicção que na guerra da Coreia se não enxerta imediatamente nem se enxertará um conflito de extensão mundial. Ao contrário, penso que as operações do Extremo Oriente o deverão impedir»*. E depois: *«Não creio na durabilidade e na segurança, antes creio no perigo das resoluções que, sobre um mapa, dividem, à régua, as zonas de soberania. Os homens agrupam-se por tendências, por climas, por civilizações e não se separam por instrumentos redigidos nas*

chancelarius. Tarde ou cedo surge uma regressividade que não há forças capazes de alterar ou destruir. A Coreia, dividida por uma linha de planisfério; Trieste, sob uma dupla soberania; Berlim, demarcada a traços de cal; o corredor de Danzig, inscrito como um túnel entre dois terrenos gémeos... Ficções, que custam, geralmente, muito caro!» Aí estão os factos a demonstrar a segurança das afirmações do Chefe do Governo português e a consistência das profecias daqueles inofensivos mas impertinentes *conspiradores* de três-ao-vintém, que já começaram a estudar exaustivamente os mapas da Indochina e do Tibete para assentarem aí suas novas esperanças e ambições.

☆ A CRISE DO LIVRO aflige os Autores e Editores de todo o Mundo, porque ainda não puderam uns e outros congregar e ajustar os necessários elementos de combate às causas geradoras dessa crise. Acontece mesmo não ser raro virem a público testemunhos desolados de alguns Autores afirmando não haver remédio possível e que passou a Era do livro! É evidente que são muito poderosos e temíveis os concorrentes do livro e que é difficilimo lutar contra eles. Basta que se chamem Cinema, Rádio, Desporto. Mas se todos estes adversários tiveram habilidades múltiplas para dominar o livro, aos Editores e Autores cabe uma grande responsabilidade do sucesso, pois muitos ajudaram e continuam a ajudar a retumbante vitória, colaborando com eles em lamentável submissão. Isso, porém, não justifica o derrotismo nem sequer o desânimo que invadiu certos sectores da Vida espiritual e pretende subalternizá-la a mistificações mais ou menos envernizadas e arroubos materialistas de fácil e forte ressonância. Foi a primeira Grande Guerra que há 30 anos trouxe para a Vida do Espírito os primeiros venenos da subversão intelectual e artística. A segunda agravou violentamente o mal com o formidável e execrando triunfo obtido pelas mais sinistras e dissolventes ideologias. O filtro daninho correu pelas veias mais permeáveis das diferentes camadas sociais, inquinou a Literatura e a Arte de doutrinas e estéticas corrosivas, e assim se enfraqueceram as colunas em que se escoravam as velhas Civilizações e o sentido cristão da dignidade humana. Daí — o arrivismo vitorioso, o êxito da incompetência e do efémero acolhidos de braços abertos na Imprensa, no Cinema e na Rádio e ainda no Desporto, onde, sob aliciantes pretextos educativos, se começou a divinizar a força e a matéria com louco frenesi, em detrimento das serenas e fecundas manifestações da Inteligência. A nossa luta terá de ser a dos outros Povos, motivo que deve levar-nos a estudar com interesse os processos de ataque executados por eles. Noutro lugar deste fascículo resumem-se as deliberações tomadas em 1948 pelo Congresso dos Editores e Livreiros do Brasil. Eis aqui novas diligências no mesmo sentido que nos são comunicadas pela Câmara Brasileira do Livro: no recente Congresso Nacional dos Municípios Brasileiros, reunido em Petrópolis, foram aprovadas as seguintes teses — isenção de impostos municipais sobre o Comércio do livro e criação de bibliotecas circulantes em todos os Municípios. — Só com a larga difusão do livro e com a diminuição ao mínimo

dos onus que pesam sobre a indústria e o comércio livreiro se poderá reerguer o livro à posição que lhe compete, a bem da Civilização e da Cultura. E lá vem, mais uma vez, a propósito falar na famosa Portaria da *normalização* do papel, que tão nociva tem sido à difusão do livro e que precisa de ser inteiramente revogada.

★ 'ACTO' — São sempre simpáticas as iniciativas da Mocidade quando as impulsiona um objectivo renovador. Foram assim em todos os tempos e continuarão, decerto, a sê-lo até à consumação dos séculos. Eis a nova prova: 'Acto', um «jornal de Cultura», que virá todas as quinzenas preencher as seguintes graves lacunas, seguindo seu anúncio: «1) *A inexistência de um órgão de cultura portuguesa, sem carácter restrito a uma especialidade*; 2) *a falta de um jornal de crítica às diferentes formas de expressão cultural*; 3) *a deficiente coordenação entre os diversos sectores da cultura, a pintura, a poesia, a escultura, a música ou a filosofia*; 4) *o desconhecimento por parte do público, até o mais escolhido, de certas realizações filosóficas, literárias ou artísticas portuguesas*; 5) *a dificuldade de expressão dos intelectuais das novas gerações, por carência, ou de editor, ou de um jornal.*» Talvez haja por todo o vasto Império alguém que suponha não serem assim tão *absolutas* as falhas apontadas pelos quatro ardentes Cavaleiros da nova Cultura Portuguesa. Mas, suspendam seus juízos os que assim pensem, recolham-se a uma benévola expectativa e deixem sonhar os rapazes que tão corajosamente se apresentam. Talento não lhes falta. Oxalá lhes sobre também a persistência, a vontade heróica e, sobretudo, o espírito de coesão e de luta.

★ PERGUNTA SEM RESPOSTA — Num jornal argentino, vemos sugestiva caricatura de Flax, com o título *Corea*, um campo de mortos e esta quintilha como legenda: Fruto de la insensatez / es esta escena que aterra / y hace pensar: esta vez / ¿quién, al final, será juez / y quién «criminal de guerra»? — A desvairada instituição de Criminosos de guerra, à sombra da qual se praticaram tantas monstruosidades, justifica plenamente a caricatura de Flax. Desta vez, porém, cremos que será diverso o critério da vitória, embora não deixe de empregar-se a máxima energia contra aqueles que transgrediram as leis da Guerra.

★ NAVEGAÇÃO PARA O NORTE DO BRASIL — O Dr. Carlos Pericão de Almeida publicou valioso artigo a respeito das comunicações de Portugal com o Norte do Brasil (Pará e Manaus) que estão hoje reduzidas às viagens que pode fazer um único navio de Companhia inglesa. Com elucidativas estatísticas, o antigo Cônsul de Portugal no Pará sugere a uma Companhia Nacional que se disponha a fazer viagens para aquela zona brasileira, onde vive uma grande e importante colónia portuguesa, que tanto poderia intensificar as relações com o nosso País, se houvesse mais facilidade de transportes. Além dos portos do Pará e Manaus, o navio português demandaria Recife e Fortaleza, importantes portos brasileiros em que há sempre grande movimento de carga e passageiros. Oxalá seja ouvida e estudada a inteligente lembrança do Cônsul Pericão de Almeida.

★ QUANDO O CINEMA ACERTA — é quando pega numa obra de Arte e a transporta para a tela sem mistificações. Referimo-nos ao caso do «Frei Luís de Sousa», que António Lopes Ribeiro tratou com escrupulo digno dos máximos louvores. Respeitou-se o grande drama em toda a sua extensão e valorizaram-se certas passagens da obra-prima de Garrett com o movimento e a intensidade da acção. Preferíamos ver um Telmo com mais adequada e venerável austeridade, mas também há-de haver quem o prefira assim. E o incêndio do Palácio decerto se faria com mais sinistra imponência, se outros fossem os elementos de que Lopes Ribeiro dispusesse. Mas isso é nada em frente da grandiosidade da fita.

★ O SONHO DO METROPOLITANO entrou na fase final de organização e financiamento, para grande júbilo dos lisboetas que estão fartos de ser tratados como seres inferiores pela Companhia Carris, detentora dum monopólio que lhe tem dado todos os proveitos e um mínimo de obrigações. Com as cinco primeiras radiais do Rossio para Sete-Rios, Entre-Campos, Areiro-Alvalade, Alcântara e Madre de Deus, já os habitantes dessas zonas poderão viajar sem os atropelos que hoje caracterizam os *eléctricos* e que dão a muitas horas do dia a impressão de pilhas de condenados às galés. A Companhia não quis gastar em mais *eléctricos* aquilo que lhe foi permitido dispendir em *ónibus*. O futuro dirá se foi ou não imprudente e imprevidente.

★ 'OBRAS COMPLETAS DE GIL VICENTE' — Da primorosa edição que está a ser realizada pela Companhia Editora do Minho, Barcelos, saiu há pouco o fascículo n.º 8, iniciando o Livro terceiro — Tragicomédias. Entram nestas 64 páginas '*Exortação da Guerra*', '*Cortes de Jupiter*' e '*Frágoa de Amor*' e começa '*Dom Duardos*'. Nunca é demais enaltecer a benemérita iniciativa da Companhia do Minho, que assim dotará as Letras portuguesas com uma das mais belas edições da Obra de Mestre Gil, como fez já para Camões. Pouco a pouco vai-se alargando o culto pelo Fundador do Teatro Português. Há, portanto, a maior necessidade de boas e completas reimpressões para que a tão extraordinária beleza da Obra vicentina entre no gosto comum e se espalhe por todos os recantos do Mundo civilizado, onde a Língua Portuguesa ganha igualmente, dia a dia, foros de Língua universal.

★ 'ENCICLOPÉDIA PORTUGUESA E BRASILEIRA' — Já chegou ao fascículo 258, com inflexível regularidade e a maior distinção, esta Enciclopédia, vigorosamente timonada pelo seu Director técnico e Editor João de Sousa Fonseca. As folhas de agora pertencem ao Volume 22 e compreendem os vocábulos *Ponte* a *Porca*, largamente ilustrados com gravuras no texto e estampas a cores em separado. Toda a colaboração a cargo de especialistas obedece a um lúcido plano concebido e executado pelos Directores da Enciclopédia: Drs. António Mendes Correia, António Sérgio, Armando Gonçalves Pereira, António Maria Godinho, Afonso Martins Zúquete, Manuel Otero Ferreira e Professor Francisco Cardoso Júnior.

★ 'ANAIIS PORTUGUESES DE PSIQUIATRIA' — A Cultura científica portuguesa tem nestes 'Anais', dirigidos pelos Drs. António Flores e Barahona Fernandes, um de seus mais notáveis reductos. Nele trabalham muitos Mestres da Medicina mental lusitana e, por isso, as suas páginas são o espelho vivo de estudos, pesquisas e novidades que já ganharam para o seu mais original investigador, Egas Moniz, a mais alta e substancial honra mundial — o Prémio Nobel. Para fixarem em novas mostras de saber e dedicação pelo trabalho científico aquela homenagem prestada ao Criador da psico-cirurgia, organizaram os 'Anais' um número especial, que tem 412 páginas e é colaborado por Seabra Diniz, Charles Burlingame, Enri Ey, Pedro Polónio, Vallejo Nágera, Maurício de Medeiros, Heuyer (G.) et Feld (M.), Pacheco e Silva, Lopez Ibor, Fernando Ilharco, Vítor Fontes, Baía Júnior, Almeida Lima, Barahona Fernandes, Nunes da Costa, Azevedo Mota e Gerhard Koch. De Egas Moniz reproduz três formosas páginas do preâmbulo ao livro 'O Padre Faria na História do Hipnotismo', publicado em 1925. A edição dos 'Anais' pertence ao Hospital Júlio de Matos, modelar organização psiquiátrica a par das mais adiantadas de qualquer País.

★ 'REVISTA DE HISTÓRIA' — O n.º 3, relativo a Julho/Setembro, mostra-nos que São Paulo anima corajosamente os fundadores desta 'Revista' a fazê-la triunfar. No sumário do número presente encontramos, entre outros, estes estudos do maior interesse: «A queda do Bandeirismo de apresamento» — por *Alfredo Ellis Júnior*; «As Companhias privilegiadas no Comércio Colonial» — por *Manuel Diégues Júnior*; «A Sociologia na América Latina e particularmente no Brasil» — por *Fernando de Azevedo* e «Ecos do 4.º Congresso de História Nacional. A Expedição de 1501-1502 e Américo Vespucci» — por *Tomás Óscar Marcondes de Sousa*. Ao Director da 'Revista', Prof. E. Simões de Paula, nossos cumprimentos e felicitações.

★ 'TENTATIVA' — O título já não corresponde à realidade, pois que chegar ao n.º 9, Ano 2, nestes tempos de quase nenhuma simpatia pelas revistas literárias, excede o significado da palavra e é autêntico heroísmo. A vibrante publicação bimestral de Atibaia (Estado de São Paulo) insere prosa, verso e ilustrações de Autores brasileiros e portugueses, constituindo assim um forte elo de cordialidade entre as mais modernas correntes dos dois Países.

★ 'LETTERATURE MODERNE' — Vem de Milão o 1.º número desta «Rivista di Varia Umanità», dirigida por Francesco Flora, com excelente colaboração espalhada por 144 páginas e uma apresentação material digna do alto nível das artes gráficas italianas. Artigos: «*La Hyperotomachia Poliphili*» — por *Benedetto Croce*; «Sémantique et sociologie: l'avatar moderne du bourgeois» — por *Fernand Baldensperger*; «Umanesimo» — por *Francesco Flora*; «Stendhal 1950» — por *Mario Bonfantini*; «Über Hofmannsthal's Erzählung: Die Frau ohne Schatten» — por *Rudolf Borchardt*; «*Werfel Postumo, La Stella dei non nati*» — por *Emmy*

Rosenfeld; «Theologumena» — por *Franz Werfel*; «I fratelli Fogliengo e la Spagna» — por *Carlo Cordié*; «La vocalità nella musica italiana da Palestrina a Monteverdi» — por *Luigi Ronga*; e «Come conobbi Benedetto Croce» — por Fausto Nicolini. A seguir: Notas várias e Recensões bibliográficas.

★ 'OS LUSÍADAS' EM INGLÊS — A «The Hispanic Society of America», de New York, que tem a especialidade das edições impecáveis, organizadas e impressas com a devoção e respeito que se devem a Obras-Primas, acaba de publicar, uma nova edição de '*Os Lusíadas*', sobre tradução em verso de Leonard Bacon, que escreveu também um prefácio, Introdução, notas e posfácio a respeito de Camões e do Poema. Ilustra ainda o volume um nítido mapa das viagens de Camões e de Vasco da Gama, tendo marcados os lugares presumivelmente mais conhecidos pelo épico. — Com esta nova edição, alguns milhares de Ingleses cultos sentirão melhor as belezas imorredouras do Poema da Raça Lusíada.

★ OS RESULTADOS DO «COLLOQUIUM» — Regressou já de Washington o talentoso e erudito P.^o Serafim Leite, que tomou parte no «Colloquium» luso-brasileiro, integrado na Delegação Portuguesa e disse ao sair do avião que o reconduziu a Lisboa: «Os altos objectivos do «Colloquium» foram perfeitamente atingidos em todos os seus aspectos. É de acentuar a perfeita união de brasileiros, portugueses e americanos e, ainda, a importância e o interesse despertado pelas comunicações apresentadas. Os resultados serão da maior importância e entre eles deve salientar-se o conhecimento pessoal de Escritores americanos, brasileiros e portugueses que têm como veículo de trabalho intelectual o nosso Idioma. Referiu-se à iniciativa da Biblioteca do Congresso, a benemérita organizadora da reunião, que vai criar uma cadeira de Português e concluiu: — «Foi uma jornada intelectual de valor incalculável para o conhecimento, a propagação e o prestígio da Língua Portuguesa no Mundo.» — No próximo número daremos as impressões dos ilustres catedráticos A. Mendes Correia e Hernani Cidade, que representaram '*Ocidente*' e '*Revista de Portugal*' no «Colloquium».

★ NOTA DO FIM — Para um nobre par do reino inglês o ensino da Língua Francesa ministrado nas escolas da Grã-Bretanha é pura perda de tempo, porque o «francês já não é a Língua do futuro». E acrescentou: «Ensine-se antes nas escolas inglesas o português e o espanhol». Profundamente honrosas e consoladoras estas palavras, deviam estimular-nos cada vez mais a prestigiar e ilustrar o nosso belo e glorioso Idioma.

ÁLVARO PINTO

★ OS MALEFÍCIOS DO FADO — Na Rádio Vaticano, o Escritor Duarte Montalegre, Leitor de Português na Universidade de Roma, pronunciou em 13 de Outubro último a seguinte palestra, que nos parece útil arquivar:

«Não sei por que razão alguns Portugueses responsáveis continuam a chamar ao *fado* a canção nacional. E — o que é pior! — em alguns jornais e revistas de notória seriedade faz-se o elogio hiperbólico dos *fadistas* e das

fadistas de Portugal, como intérpretes genuinos da genuina canção da Raça. Devemos considerar este facto como um sintoma de decadência de gosto e de incapacidade crítica para discernir o que, nesta chamada canção, existe de perverso, de derrotista, de dessorado, de desagregador?

No último n.º da revista '*Ocidente*', de Lisboa, na secção *Notas e Comentários* da autoria do Director, há palavras de grande interesse, que merecem muito bem a honra de uma leitura e de um aplauso ao microfone de Rádio Vaticano. Sob a epigrafe de *A Praga Daninha*, vem publicada esta nota:

«O suplemento de Domingo de '*A Provincia de Angola*' inseriu num dos seus últimos números: o sr. Álvaro Pinto, ...director da excelente revista de cultura portuguesa '*Ocidente*', publicou há pouco no '*Diário de Notícias*', do Rio de Janeiro, um violento artigo contra a praga daninha do *Fado*. O... escritor e jornalista de há muito se tem mostrado, naquela revista, adversário intransigente da «onda fadista» que, paga a peso de oiro, invade o nosso País. Damos-lhe inteira razão. O que é demais, é erro. Por isso a seguir reproduzimos do artigo estas passagens: «Está a tomar novos alentos essa praga daninha, que alguns cognominaram inconscientemente de canção nacional e outros apelidam justiceiramente de venenoso tortulho das alfurjas. E, o que é pior, já transpõe as fronteiras e encontra empresários que dêem por ele verbas fabulosas, muito mais altas do que as concedidas a um virtuoso do piano ou do violino. Conforme está mais ou menos provado, a nauseabunda canção de vencidos veio do Brasil e substituiu nos bordéis o *lundum*, passando depois para as estúrdias de bolieiros e fidalgos brigões. Alastrou como todas as pestes, serviu de arma política e lisongeou as multidões. Anda, agora, triunfante no cinema e na rádio, para vergonha da Cultura e da Civilização. Há anos ergueu-se contra ela forte campanha e o veneno recolheu-se às baiucas. Recentemente, recrudescer e voltou a arreganhar os dentes, aqui e em viagens para o Brasil. Por cá, vai iniciar-se nova resistência e mais intenso ataque saneador. No Brasil, devia ser inteiramente proibida a sua entrada, pois, além do seu carácter dissolvente, o *fado* pode transformar-se em agente de discórdia entre Portugueses e Brasileiros».

Palavras justíssimas, sem dúvida, as do ... director da conceituada revista, realçadas, para mais, com esta expressiva *Nota do Fim*:

«Lemos num jornal lisboeta que certa cantadeira de fados ia brevemente à Alemanha representar Portugal numa qualquer festarola. Representar Portugal? Será isto possível? Não é, evidentemente. E porque não é, cremos que devia ser chamado aos tribunais por crime de lesa-Pátria o reclamista que manda tais notícias para as gazetas».

Tem razão Álvaro Pinto, julgando inacreditável uma tal notícia; mas a verdade é que, mesmo que o anúncio tivesse fundamento — e com certeza não tem —, já não seria a primeira vez que a dita — ou outra — cantadeira de *fados* iria em missão de alta cultura... fadista, ao estrangeiro, exibindo os primores do seu fadístico programa. Não são positivamente louváveis estas embaixadas a países cultos da Europa e da América, formadas por cantadeiras históricas, que só uma grande inconsciência ou um refinado mau-gosto artístico ainda consideram representantes da música portuguesa. Aqui há tempos veio a Itália — e foi também a França e a Inglaterra —, uma *célebre* fadista portuguesa, que não alcançou, como era de esperar, os triunfos que os seus admiradores lhe auguraram. Foi um espectáculo doloroso para quem estava presente, e sobretudo para quem sentia e sentirá sempre o orgulho de

ser português. Embaixatrizes desta natureza só podem comprometer o bom nome de Portugal. Ainda bem que apenas são embaixatrizes por sua conta e risco, pois o Governo da Nação não pode — nem deve — patrocinar iniciativas de tal ordem, as quais permitem ao estrangeiro culto e de sensibilidade formular um juízo sobre a mentalidade portuguesa que não corresponde, de facto, à realidade.

Mas há ainda outras razões por que o dito *fado* deve merecer de todos nós, portugueses, e de todos os espíritos sãos, a maior repulsa. Antes de referir-me a essas razões, sem dúvida alguma fundamentais, desejo referir o que se passou há tempos com um *jornalista* francês, que desejou aproveitar a sua estadia na Cidade Eterna para fazer uma conferência sobre... o *fado*. Procurou-me na Universidade de Roma e expôs sem rodeios o desejo de fazer a sua conferência, mas sob os auspícios do Leitorado de Cultura Portuguesa e do Grupo «Amigos de Portugal». Fiz-lhe ver a inoportunidade do assunto, cujo negativo interesse para a Cultura Portuguesa era mais do que evidente. Retorquiu que a... «*canção nacional*» de Lisboa — palavras textuais —, constituía uma alta manifestação da vida portuguesa, nos seus aspectos mais elementares, mas nem por isso menos verdadeiros. Então procurei demonstrar-lhe que não era exacto ser o *fado* uma canção portuguesa, uma canção popular portuguesa e muito menos canção nacional, ao que ele observou, notoriamente contrariado, que os Portugueses de hoje continuam a ser os Portugueses de sempre: desprezam os seus valores mais autênticos, para enaltecerem os valores espúrios, verdadeiros desvalores, do estrangeiro, como o *samba* e, de um modo geral, toda a música de *jazz*. Tinha a sua razão, pelo menos em parte, o *jornalista* francês, porque a música da selva não é muito diferente da música dos antros... Então sugeri-lhe um novo tema: a canção de Coimbra, a música popular das províncias portuguesas, de carácter religioso ou profano, ou mesmo — numa perspectiva mais ampla e de maior interesse cultural — um estudo comparativo entre a Música popular portuguesa e a francesa. Os elementos não seriam muitos, porém alguns se poderiam encontrar — informei. Mas ele, o que desejava fazer, era uma conferência sobre o *fado*. Confessou-me que lhe nascera esta simpatia numa hora «romântica» — sublinhava — que em dias trágicos, dias de exílio depois da invasão alemã, vivera na capital portuguesa. Afinal, vim a saber que o *jornalista* não era jornalista, mas militante de um partido político muito conhecido pelos seus propósitos revolucionários e internacionais. Era, sim, filho de um jornalista parisiense, redactor de certo diário que só reconhece como senhor Deus, nos céus e na terra, o chefe vermelho de todas as Rússias.

De facto, o *fado* não é somente uma canção imoral: é também uma canção que traz em si o germe da revolta, no aparente conformismo doentio das suas notas. Talvez pareça paradoxo, mas é uma verdade que não pode sofrer contestação: o *fado*, sendo uma canção de miséria, de derrotismo, de pseudo lirismo sujo, de veneno moral, é também uma canção revolucionária, cuja estrutura materialista nega os valores mais puros do idealismo cristão do Ocidente. Sendo uma canção anti-espiritualista, é, naturalmente, uma canção anti-portuguesa. Há que defender a comunidade da «praga daninha» — como escreve, e muito bem, Alvaro Pinto.

É, pois, uma bela campanha de sanidade moral, esta em que está empenhada a revista de Lisboa. É preciso que se ilustrem convenientemente as razões por que o *fado* é, não uma manifestação de pura Arte, mas um canto

invertebrado, de acentos pegajosos, cheia de moleza reles, vibrante apenas de notas feridas de sensualidade mordente, de fatalismo, de morbidez — bacilo corrosivo da virilidade moral, do optimismo sadio, da confiança no triunfo dos valores, da fé no futuro, do desejo de criar, de vencer, de realizar, de fecundar, de verdadeiramente amar. Não surge neste canto de desterro e de derrota um reverbero luminoso de espiritualidade libertadora, de afirmação varonil, de confiança nas realidades sobrenaturais, de esperança nas forças vivas, divinas e humanas, que são as únicas que podem dar ao Homem o nobre orgulho de ser Homem. Canção das alfurjas, canção de antros, esterrotada por quem não sabe crer nem é capaz de amar.

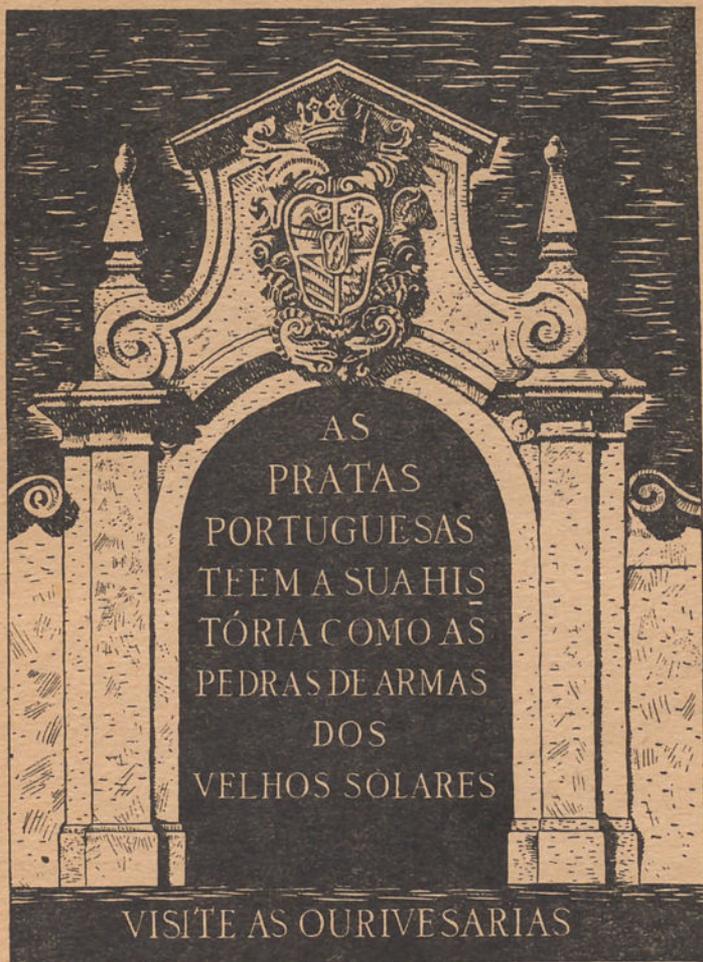
Compreende-se, pois, e justifica-se plenamente, a insistência manifestada pelo tal *jornalista* estrangeiro, de ideias materialistas, no sentido de fazer uma conferência sobre o *fado*, que, para vergonha nossa, ainda permitimos que continuem a chamar «canção nacional». Era uma insistência cheia de bons propósitos... proseliticos e revolucionários, e que, com uma certa lógica — depois, claro, da formulação de premissas falsas... — poderia levar a esta conclusão: o canto nacional português é um grito natural contra a sociedade capitalista ocidental, por ser uma canção das classes trabalhadoras, que a plutocracia projecta para a inercia e para a morte. Logo, o *fado* — que é esta canção — constitui a prova mais eloquente de que... é preciso implantar em Portugal a nova ordem de uma nova república... socialista soviética. Não seria esta a dialéctica do tal *jornalista* estrangeiro? Mas mesmo que não fosse, mesmo que nada disto tivesse qualquer fundamento, bastaria o facto de, em tal canção, apenas vibrar a amargura nascida de um trágico destino e de um negro caminho de sombras, para que o *fado* merecesse de todos os Portugueses repulsa e desprezo. A História de Portugal é um maravilhoso caminho de luz».

70 SEPARATAS DE 'OCIDENTE'

Com artigos, estudos e ensaios de Agostinho de Campos, Alberto de Oliveira, Aldo Bizzarri, Almeida Garrett, Alvaro J. da Costa Pimpão, Américo Durão, Américo Pires de Lima, Ângelo Pereira, António A. Mendes Correia, António de Aguiar, António Barbosa, António Correia de Oliveira, António Eça de Queirós, Armando de Matos, Artur Augusto, Artur Ribeiro Lopes, Augusto da Costa, Augusto Manilha, Carlos Magalhães de Azeredo, Castro e Brito, Coronel Leite de Magalhães, Costa Sacadura, D. João de Castro, Diogo Ivens, Diogo de Macedo, Eduardo Brazão, Emile Schaub-Koch, Fernando Campos, Fernando de Castro Pires de Lima, Fezas Vital, Francisco Manuel Alves (Abade de Baçal), Harri Meier, J. A. Pires de Lima, J. de Lacretelle, Jaime Cortesão, Jaime Lopes Dias, Janine Weill, João de Almeida Lucas, Joaquim de Carvalho, Joaquim Paço d'Arcos, José Cassiano Neves, Lourenço Chaves de Almeida, Melle. M. L. Pidal, Manuel Costa, Manuel Monteiro, Manuel Santos Estevens, Margery Withers, Maria de Eça de Queirós de Castro, Mário de Sampaio Ribeiro, Merícia de Lemos, Oldemiro César, P.º António Mourinho, P.º Serafim Leite, Pedro Batalha Reis, Pierre Hourcade, Raquel Bastos, Ricardo Jorge, Rui Ribeiro Couto, Rui Ennes Ulrich e Rui Galvão de Carvalho.

HÁ APENAS 2 COLECÇÕES AO PREÇO DE 300\$00 CADA UMA







TOSSE ?

BENZO-DIACOL

DRÁGEAS GOTAS XAROPE